

A VERDADE EM CADA PALAVRA.



GRÁTIS ÀS SEXTAS.

@Verdade

Sexta-Feira,
27 de Fevereiro de 2009

Jornal **Gratuito** • Edição Nº 027 • Ano 1 • Director: Erik Charas

@Plateia **Cultural**
Suplemento



Recordando outros tempos



Moçambique: Destino Fascinante



DESCUBRA TUDO
NESTA EDIÇÃO

da cidade de Maputo estão a voltar a apresentar montes de lixo contrastando com o cenário que a urbe apresentava há alguns dias, resultante da eficiência das estruturas da edilidade na recolha e gestão de resíduos sólidos. Contudo, o problema de lixo começa a ser superado nalguns bairros periféricos onde foram criadas pequenas empresas que dinamizam a sua recolha.

Maputo: quem te abraça não te larga mais

O título roubámo-lo à bela música de Hortêncio Langa. E ele tem muita razão. Maputo é uma cidade festiva, tanto em termos arquitectónicos, como no aspecto ritmico-social. A capital de Moçambique desempenha também – por ela mesma – as funções de museu, porque oferece, ao regalo dos olhos, um tempo que as próprias décadas, que ultrapassam os cem anos, não vão conseguir apagar, nem do chão físico, muito menos da memória registada e não registada. Será sempre um espectáculo arrebatador, entregarmo-nos às ruas de uma das mais lindas cidades da África e andar à toa. Descer pela baixa, onde as antigas construções nos conquistam, subindo depois zona alta acima, para, no desenvolvimento seguinte, deslizarmos até ao espaço dos novos-ricos que se ergue na Costa do Sol, indo depois ao Belo Horizonte, local de sonho. A cidade de Maputo não será considerada – por enquanto – um local de crime violento, comparativamente àquilo que se assiste pelo mundo fora, mas uma urbe sedutora. Quer dizer, quem vem para aqui não quer sair mais.

Texto: Alexandre Cháuque
Fotos: Arquivo

Uma das grandes atracções que levará Maputo ao mundo, é, sem sombra de dúvida, o projecto da Xefina, uma infra-estrutura avaliada em cerca de três milhões de dólares, que visa recuperar as ruínas existentes para transformá-las num local de atracção turística com alojamento, restaurantes, lojas, entre outros empreendimentos de interesse.

Há uma grande expectativa relativamente a esta construção, porque, segundo os seus projectores, poderá desempenhar um grande papel, em termos de atracção nesta área, particularmente em 2010, quando se efectivar o Campeonato Mundial de Futebol. Outro projecto é a construção de um hotel de cinco estrelas no recinto do Centro de Conferências Joaquim Chissano.

Mas na baixa da cidade de Maputo – discretamente – está instalado o Museu Nacional da Moeda. Será, provavelmente, o edifício mais antigo de Maputo, capital de Maputo e actualmente é administrado pela Universidade Eduardo Mondlane.

Construído em 1787, foi das primeiras edificações em pedra-e-cal a existirem na feitoria de Lourenço Marques. Quando a região circundante passou a ser governada por um Governador de Distrito, já na segunda metade do século XIX, este edifício passou a ser a sua residência oficial e, mais tarde, a albergar ainda a secretaria do governo e a repartição de fazenda.

A Casa Amarela é um edifício de um único piso, em



Estação dos caminhos-de-ferro

forma de L, com um pátio interior. Não possui telhado e tem as paredes exteriores, pintadas de ocre, rasgadas por grandes janelas que chegam quase ao chão.

O Museu da Moeda de Moçambique possui um acervo de material que retrata a história, não só do país, como da região, desde há vários séculos. Aqui se encontram os búzios ou cauris e as aspas de ferro que serviram de moeda durante o tempo dos impérios bantu, como o dos Mwene-mutapas. Pode igualmente ver-se o antepassado da actual moeda de Moçambique – o Metical – que era uma ráquis de pena de pato cheia de pó de ouro.

Para além destas “moedas” antigas, encontram-se também as libras emitidas pelo Banco da Beira, associado à Companhia de Moçambique, as notas e moedas usadas durante o período colonial, pode apreciar-se a “evolução” (leia-se depreciação) da moeda nacional e ainda colecções de moedas de vários países de todo o mundo.

A Estação Central dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique, na cidade de Maputo, foi escolhida pela prestigiada revista norte-americana “Newsweek” como a sétima mais bela do mundo, num “ranking” que incluiu todas as infra-estruturas do género em todo o mundo, das mais “modestas” às mais famosas.

A pesquisa da “Newsweek” tomou em consideração o traçado arquitectónico e o seu nível de conservação, algo que, no caso da imponente obra, casa a história com o empenho da instituição que a tutela, a empresa Portos e Caminhos-de-Ferro de Moçambique, em conservá-la.

A estação ferroviária de Maputo é uma obra secular concebida pelo arquitecto francês Gustave Eiffel, célebre por ser o criador de várias obras no mundo e que têm como traço comum o uso do ferro na sua execução. O seu nome

ficou eternizado – e projectado – pela famosa torre parisiense que leva o seu nome.

Em Moçambique, as obras de Gustave Eiffel não se ficam pela estação ferroviária que é também património da cidade de Maputo. Foi o francês que concebeu também a Casa de Ferro, implantada nas proximidades do jardim botânico Tunduru e em que funciona hoje uma direcção do Ministério da Cultura.

A estação central dos Ca-

minhos-de-Ferro foi inaugurada em Março de 1910, dois anos depois do início da sua construção. Contudo, a imponência com que se lhe conhece hoje só se verificaria a partir de 1916. Hoje, para além de estação ferroviária por onde passam milhares de passageiros e mercadorias de e para Maputo (também para os vizinhos Zimbábue e África do Sul), é também um local de cultura. Nela, vários eventos de carácter cultural e artístico têm sido promovidos, ao mesmo tempo que a empresa que a tutela (CFM) agenda implantar nela um museu ferroviário.

A mais bela estação ferroviária do mundo é, segundo a revista “Newsweek”, a londrina de St. Pancras, seguida pela nova-iorquina Grand Central Terminal.

Fortaleza de Maputo

A primeira fortificação, de planta quadrangular rodeada por um fosso, teve duração efémera, vindo a ser arrasada, no contexto das lutas que se seguiram à Re-

volução Francesa, por três embarcações artilhadas de corsários franceses, em 26 de Outubro de 1796. Defendido por alguns poucos homens sob o comando do Governador João da Costa Soares, o pequeno forte foi conquistado, saqueado e incendiado.

Para recuperar a posição destruída, foi remetido da Fortaleza de São Sebastião um pequeno destacamento sob o comando do Tenente-ajudante Luis José, a bordo da pala “Minerva”. Tendo chegado a Lourenço Marques a 7 de Junho de 1799, instalaram-se “na terra do Capella, defronte do antigo presidio, por o régulo da Matola não ter querido atendê-lo imediatamente”. Ali se mantiveram até cerca de 1805, quando com relativa segurança puderam “passar para o outro lado, que havia sido ocupado anteriormente pelos Holandeses e pelos Austríacos”. Aqui ergueu então uma “pequena habitação fortificada para quartel de tropa e feitoria, onde se arvorasse a bandeira portuguesa, como sinal de posse do terreno, e sem



ESTA PROMOÇÃO É UMA BOMBA.

Só nas lojas Oxigen. Aproveita!



Vodafone**225**

Antes

~~899~~ MT

Agora apenas

299 MT



Pacote inicial



Chamadas grátis durante 30 dias

Na compra de uma recarga de 500MT.

Ecrã colorido, jogos, tempo de conversação: 4h

**A MELHOR PROMOÇÃO DE SEMPRE
OFERECIDA PELA MELHOR REDE.**



Termos e condições são aplicáveis: Promoção válida enquanto houver stock e sujeita à compra de uma recarga de 500MT. Chamadas grátis válidas dentro da rede Vodacom.



Turismo Mozambique

36

embalagens de comprimidos diversos e outras caixas de material médico-cirúrgico foram apreendidos pela Polícia, numa operação com vista a pôr cobro à venda de fármacos no mercado paralelo.

intenção de fazer resistência a qualquer inimigo. O Governador e Capitão-general de Moçambique, justificou a exiguidade desse estabelecimento “por falta de recursos da província”. Por volta de 1946, no contexto das celebrações dos Centenários, o forte foi reconstruído sobre os alicerces do primitivo, procedendo-se à conservação da árvore histórica existente junto ao seu Portão de Armas (onde, segundo a tradição os Vátuas, enforcaram o Governador Dionísio Ribeiro, em 1883) e a requalificação das edificações no seu interior como “Museu Histórico de Moçambique”.

Actualmente, nela se encontra instalado o Museu de História Militar, administrado pela Universidade Eduardo Mondlane.

Localizada junto ao Porto de Pesca, a Fortaleza de Maputo apresenta planta quadrangular, erguida em alvenaria de pedra avermelhada. Possui apenas um portão de acesso que se abre para um pátio central, também de planta quadrangular, para o qual se abrem, por sua vez, as várias salas que compõem a edificação. Neste pátio ergue-se actualmente a estátua equestre de Mouzinho de Albuquerque.

Do mercado Central ao mercado do Peixe

O velho mercado da Avenida 25 de Setembro está a pedir cuidados urgentes, mas não há como o evitar num périplo em busca das cores mais vivas da capital. À entrada, numa loja do lado direito, anuncia-se artesanato e outras sortes de quinquilharias que nascem como cogumelos. É uma obra de arte, com um telhado que pode provocar uma tragédia, a qualquer momento. Há muitas udjamas lá dentro, conjuntos escultóricos em pau-preto, representações simbólicas da família, com várias figuras entrançadas em espiral. Rassul Mamade é um comerciante de origem indiana que herdou a actividade da família.

O Mercado Central de Maputo está bem abastecido de simpatia, mas também, obviamente, de fruta, legumes e de uma grande variedade de produtos enlatados, a esmagadora maioria proveniente da África do Sul. Desde manhã cedo que

há muita gente a percorrer os corredores entre as bancas, onde sobrevivem balanças que dariam belas peças de museu e humorísticos cartazes a garantir a excelência dos produtos.

Em matéria de mercados, há outro lugar incontornável na capital moçambicana, o Mercado do Peixe, assim popularmente designado já que toda a gente desconhece o outro nome - “A luta continua”. Um cenário popular por excelência: apelos de vendedoras e vendedores, mares de amêijoas e graúdos espécimes piscícolas arrancados aos submarinos viveiros do Índico, pesos e contrapesos, com terceiros a desfazer a dúvida, cantorias daquela lógica de mercado “o meu peixe é maior que o teu”. O tamanho, conta, sim senhor, mas a prova dos nove é da competência das papilas gustativas. Queira o cliente e não há razão para perdas de tempo: ali mesmo, ao lado, uns quantos restaurantes ao ar livre dão trato à peça, mediante o pagamento de uma taxa de serviço.

Xipamanine

Evidentemente que o nosso roteiro não pode terminar por aqui: o mercado do Xipamanine também nos vai apelar, pela sua natureza e história, por tudo aquilo que leva à cabeça e no regaço. Construído num dos bairros mais conhecidos de Maputo, este lugar de compra e venda junta o país inteiro. Pelos produtos que vai expor nas suas prateleiras, pelas culturas que ali se juntam, tornando-o um

chamariz irrecusável.

Na zona central de Maputo concentram-se numerosos edifícios de muito valor para o estudo da história da cidade, e algumas ruas conservam ainda conjuntos significativos de imóveis, que recordam os ambientes e as características de um modo de vida urbano, hoje profundamente modificado. Esta zona é considerada como de Protecção Histórico-Arquitectónica, porque contém os edifícios e os espaços urbanos construídos ou ajardinados mais antigos e significativos para a compreensão do desenvolvimento da cidade de Maputo, e a da sua história.

A parte central de Maputo, que é costume designar-se

por “Baixa”, foi o embrião histórico da cidade, a qual cresceu muito lentamente ao longo do século XIX e veio a “explodir” em todos os sentidos no século passado.

Apesar da enorme expansão que se verificou, a “Baixa” continuou a desempenhar a função de “coração” urbano do conjunto. Em parte porque ali continuam a existir dois pólos fundamentais da economia da região e do País – o Porto e os Caminhos-de-Ferro. Além disso, tinham-se mantido ali, também, o comércio, a maior parte dos escritórios, e alguns serviços públicos, apesar da grande dispersão que se deu paralelamente ao crescimento da cidade.

Ao longo dos anos após a Independência, a Baixa foi, pouco a pouco, readquirindo vitalidade, embora se alterassem ligeiramente algumas das funções anteriores e graças, por outro lado, à valorização de outras, como, por exemplo, a função administrativa, desempenhada pelo Concelho Municipal, pelos Ministérios e serviços público-privados, e a função representativa, realçada pelas manifestações de massas que, quase sempre têm lugar.

A Baixa tem um significado cultural nacional que ultrapassa a simples soma das actividades práticas que ali se desenrolam quotidianamente. É um local representativo, polarizador, e que

se pretende viva funcional, agradável. Os turistas não podem deixar de concentrar as suas atenções quando por ali passam.

Torna-se necessário o conhecimento exacto das actuais condições da Baixa, o que se consegue através de inquéritos permanentes que abrangem vários âmbitos, como o estado físico dos edifícios, ruas e outros espaços urbanos; as características da sua utilização; a situação habitacional da população que ali reside; o valor histórico-cultural de edifícios e outros elementos; os problemas relacionados com o trânsito, etc.

Onde comer

Na cidade de Maputo não vão faltar lugares onde se possa ter uma refeição. Desde as simples barracas, aos restaurantes de luxo que se espalham por quase toda a cidade. A nossa capital é cosmopolita e todas as culturas do mundo podem encontrar – cada uma – um lugar para comer nesta urbe. A dificuldade que vai ter – o turista estrangeiro – é encontrar um restaurante que confeccione a variedade gastronómica moçambicana. Os pitéus nacionais rareiam em Maputo, podendo, geralmente, ser degustados em dias especiais, quando se comemora uma efeméride qualquer. De resto, teremos comidas abundantes de outros quadrantes.

Seja como for, Maputo é um espaço turístico privilegiado, que cresce a olhos vistos. @



Muita coisa marcou a história de Moçambique. O turismo também precisava marcar.



Moçambique tem muitas histórias para contar. Foi marcado por momentos difíceis ao longo de tantos anos. Agora, o turismo também quer deixar a sua marca, mas uma marca diferente. Uma marca que divulgará ao mundo toda a beleza, riqueza, mistérios, cultura e fascínio que habitam em Moçambique. Aliás, esta marca representa mais que o turismo: representa crescimento para o nosso país.



MOZAMBIQUE

@Opinião

“Estas realizações não representam apenas o sinal inequívoco de que estamos a cumprir as promessas plas-
madas no Programa Quinquenal do Governo. São tam-
bém um forte indicativo de que podemos continuar a
fazer mais”, Armando Guebuza, Presidente da República, in
“Notícias”

“Notamos com apreensão a progressiva partidari-
zação da função pública. Noto que cresce a tendência
de se regressar aos velhos tempos, ‘partido-estado’.
Na sequência disso, há persiguições de funcionários
que não se identifiquem com o partido no poder”,
Raul Domingos, Presidente do PDD, in “O País”

@Editorial
averdademz@gmail.com

João Vaz de Almada
www.verdade.co.mz



Lapidemos o diamante

Moçambique, o nosso belo Moçambique, é dos países que conheço com mais potencial turístico. Quem é que por estas paragens - a África do Sul é de outro campeonato - pode afirmar a plenos pulmões possuir uma ilha como a de Moçambique, decretada Património da Humanidade desde 1992; um parque como a Gorongosa - é o que possui a maior biodiversidade em toda a África; um “mar” interior esmagador como o lago Niassa; aproximadamente 2800 quilómetros de costa com praias fabulosas muitas delas ainda completamente virgens; uma fauna abundante para os amantes de caça grossa; e um conjunto urbano como Maputo, uma cidade que mescla uma modernidade com um apazível charme colonial? Poucos, muito poucos, e nós somos um deles.

Temos diante de nós, muitos ainda não deram conta, um diamante de muitos quilates mas em estado completamente bruto, a necessitar de ser lapidado em todas as arestas. A lapidação passa pela detecção dos problemas, pela estruturação, pela organização, pela profunda mudança de mentalidades, por trabalho árduo, sério e abnegado, sobretudo a nível da formação, o grande calcanhar de Aquiles do sector.

Já alguém pensou porque é que há mais turistas a visitarem o Malawi aqui ao lado que não possui um décimo dos nossos recursos turísticos? Já nem falo das Seychelles, das Maurícias da Tanzânia ou do Quénia. Uns só oferecem praia, outros só oferecem safaris. Ninguém reúne o nosso potencial. Mas, valha a verdade, como é que podemos convencer o turista, estrangeiro sobretudo, a decidir-se pelo nosso país quando tem um serviço com muito mais qualidade e bem mais barato noutros países da região? Começando pelo preço da viagem, passando pelas entradas nos parques, até aos hotéis e restaurantes, tudo é mais caro do nosso lado e o serviço prestado é de inferior qualidade.

Quando liberalizarmos o espaço aéreo - da Europa só temos a TAP que voa a ‘módicos’ preços que na época alta chegam aos 44 mil meticais por menos do que isto vai-se às Maldivas e ao Brasil com tudo incluído -, quando formos ao Tofo e não houver sucessivos cortes de corrente que nos deixam a assar de calor - da última vez que lá estive só numa noite contei 12 falhas -; quando pagarmos o mesmo por uma diária num hotel desta zona como pagamos na África do Sul numa categoria similar e sem falhas; quando formos à Gorongosa e pagarmos pela entrada e pelos restantes serviços o mesmo que pagamos no Kruger; quando formos à Ilha de Moçambique e para tomar banho na praia não tivermos que afugentar fezes humanas; quando passearmos pelas ruas do lbo sem medo que uma varanda desabe sobre nós; quando em Maputo a polícia não parar o turista para extorquir dinheiro - facto que já vem referenciado com um “be careful” em muitos guias - então, aí sim, estaremos a lapidar correctamente o diamante. Até lá estou como São Tomé: tenho de ver para crer.

Numa fase posterior, haverá, então, que realizar um árduo trabalho de divulgação do país porque sem ela, infelizmente, nada se faz nos dias de hoje. Nessa altura, teremos muito a ganhar se nos inspirarmos nos espanhóis e nos italianos, mestres na propaganda daquilo que é seu.

A Semana

Renamo recusa entregar as chaves de Nacala-Porto

Mesmo depois do anúncio oficial dos resultados da segunda volta das eleições autárquicas em Nacala-Porto, que conferem vitória ao candidato da Frelimo, Chale Ossufo, a Renamo recusa entregar as chaves daquele município, que durante cinco anos esteve sob presidência de Manuel dos Santos, da Renamo, que concorria para a sua própria sucessão e foi derrotado com 20.012 votos, o correspondente a 45,33 por cento. De referir que esta posição foi defendida pela Renamo logo após a divulgação dos resultados intermédios e manteve-se inabalável até a divulgação dos resultados do apuramento geral, pela CNE.

Momentos após o acto, o porta-voz da Renamo, Fernando Mazanga, fincou pé ao reitarar que o seu partido não vai entregar as chaves do município alegadamente por não reconhecer a derrota do seu candidato Manuel dos Santos, e, portanto, vai continuar a dirigir os destinos do município porque, para a Renamo, em Nacal-Porto não houve eleições. Por via disso, Manuel dos Santos vai permanecer no gabinete impedindo, assim, a entrada de Chale Ossufo.

Frelimo em Tribunal

O Tribunal Judicial da Cidade de Maputo notificou a Frelimo, partido no poder, no âmbito da instrução contraditória do “caso Aeroportos de Moçambique”. O juiz Dimas Marrôa, da Décima Secção Criminal,

decidiu notificar a Frelimo, que se fez representar por um quadro da Comissão de Angariação de Fundos, para explicar a sua versão sobre a alegada doação de dinheiro desviado da empresa pública ADM para financiar a campanha eleitoral referente às terceiras eleições autárquicas.

É que, o autor da carta-denúncia no que se refere ao desfalque, Hermenegildo Mavale - antigo administrador da ADM - disse, durante a instrução contraditória, que parte do dinheiro desviado foi doado ao partido Frelimo.

Cólera atinge Marromeu

A epidemia de cólera que vem assolando a província de Sofala desde meados de Janeiro passado atingiu, no início desta semana, o distri-

to de Marromeu, passando para quatro os pontos que registam aquela doença desde a sua eclosão. Logo que foram notificados os primeiros casos de diarreia e vómitos, as autoridades sanitárias deram ordens para se abrir o Centro de Tratamento da Cólera (CTC) local que, em menos de duas horas, recebeu sete doentes, que estão a receber tratamento.

Antes de Marromeu, a doença havia sido notificada na cidade da Beira e nos distritos de Chibabava e Nhama-tanda, contando já com um cumulativo de 404 pacientes atendidos em todos os CTC’s. A capital provincial lidera a lista, com 257 casos, tendo entrado nas últimas 24 horas 15 pacientes com sinais e sintomas de cólera.

TEMPO				
Sexta-Feira 27	Sábado 28	Domingo 01	Segunda-Feira 02	Terça-Feira 03
Máxima 32°C Mínima 23°C	Máxima 31°C Mínima 23°C	Máxima 31°C Mínima 23°C	Máxima 31°C Mínima 23°C	Máxima 31°C Mínima 23°C

MÁXIMA DA VERDADE

“UMA VERDADE CLARAMENTE
COMPREENDIDA NÃO PODE SER
ESCRITA COM SINCERIDADE”.

PROUST, MARCEL

OBITUÁRIO: José Megre (1942 - 2009) – 66 anos



Coincidência das coincidências! Quando @ VERDADE revolve dedicar grande parte da sua presente edição ao turismo e às viagens eis que morre José Megre, um viajante compulsivo que dos 194 países soberanos deste mundo só lhe faltava um: o Iraque. Ao longo da vida percorreu 2.943.300 quilómetros, a maioria dos quais em Todo-o-Terreno, modalidade automóvel da

qual é considerado o Pai em Portugal. Contava 66 anos quando, no último sábado, o cancro o levou.

José Megre nasceu em Lisboa, a 26 de Março de 1942. Apaixonado pelo automobilismo desde criança, por influência do pai, entrou cedo no desporto motorizado. Após efectuar curso de Engenharia Mecânica, com especialização em automóveis, em Londres, Inglaterra (1963-66), Megre decidiu participar em algumas competições automóveis, em especial Todo-o-Terreno, de entre as quais se destacam as participações pioneiras no Dakar ao volante dos saudosos UMM. Nos anos ‘70, Megre somou três participações no Campeonato

do Mundo de ralis e lançou três livros sobre as suas participações no Paris-Dakar, prova rainha do todo-terreno mundial, na qual foi um dos primeiros portugueses. A partir de 1982, Megre passou a dedicar-se exclusivamente à disciplina de Todo-o-Terreno como piloto, ao que se seguiu a criação e organização das maiores provas desportivas internacionais desta especialidade que ainda hoje se realizam em Portugal como a Baja de Portalegre, Baja de Portugal Vodafone 1000, Rally Transibérico ou o 24 Horas de TT de Fronteira. É também neste ano que funda o Clube Todo o Terreno e em 1984 está na origem, sendo presidente e co-fundador do Clube Aventura. Para além das suas participações no Paris/Dakar, foram também rele-

vantes as suas presenças no rali Paris/Cidade do Cabo e Paris/Moscovo/Pequim, entre outras várias provas internacionais de todo-terreno. A partir de 1987, José vira a sua bússola para a organização de diversas expedições intercontinentais em África, Ásia e Américas, todas elas com um mínimo de 15 mil quilómetros. As suas experiências pelos quatro cantos do mundo abrilhantam especialmente as páginas da revista portuguesa ‘Grande Reportagem’ cujo seu director, Miguel Sousa Tavares é um entusiasta, chegando mesmo a participar em algumas delas. Megre foi ainda consultor de várias marcas do grupo Entrepósito como a Datsun Nissan, a Renault Camiões e a Porsche.

Ficha Técnica

Tiragem Edição 26:
50.000 Exemplares

@Verdade

Certificado por
KPMG

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda;
Director: Erik Charas; Director-Adjunto: Adérito Caldeira; Director de Informação: João Vaz de Almada;
Chefe de Redacção: Rui Lamarques; Redacção: Xadrique Gomes, António Maríngue, Filipe Ribas, Renato Caldeira,
Alexandre Chauque; Fotografia: Sérgio Costa, Lusa, Istockphoto, PSB; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane,
Hermenegildo Sadoque, Benjamim Mapande, Nuno Teixeira; Revisor: Mussagy Mussagy; Comerciais: Wilson
Machado, Fátima Avelino, Alieça Ferreira, Vanise Amaral; Distribuição: Sérgio Labistour (Chefe) Carlos Mavume
(Sub Chefe) Sania Tajú (Coordenadora) Gigliola Zacara (Eventos); Periodicidade: Semanal; Tiragem: 50.000 exemplares;
Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Av. Mártires da Machava, 905 • Telefones: +843998624 Geral / +843998636 Informações / +843998626 Comercial / +843998625 Distribuição
E-mail: averdademz@gmail.com

A tiragem desta edição é de 50.000 exemplares e tem alcance semanal superior a 300 mil leitores



AQUI JAZZ @VERDADE

AQUI JAZZ DE VERDADE NA INVICTA!



Gito Waka Mondlane
e-mail: wakamondlane@gmail.com

Olá a todos!

Escrevo a partir daquela que posso considerar a minha segunda cidade de acolhimento: quis, certa vez, que o destino para cá me atrasse. Tenho por aqui laços de afinidade, amigos e companheiros de verdade.

O Porto, a Invicta, como também é apelidada por esta gente cá do norte, que devo dizer ser baste acolhedora, está hoje totalmente diferente daquele que eu conheci passamos perto de 10 anos. Nessa altura, falo particularmente a nível de infra-estruturas, era pobre; Lembro-me de que a pior ofensa que se podia fazer a um cidadão do Porto era perguntar-lhe onde ficava a estação do metro. Hoje tem uma rede de metro invejável e um serviço de transportes públicos que cobre a maior parte do Grande Porto.

Como é de se esperar, uma rede bem montada de transportes públicos acarreta tudo o que é de externalidades positivas para um contexto de desenvolvimento socioeconómico desejável em que os agentes económicos, dos mais variados campos, são os protagonistas. Um desses campos é a Cultura. O Grande Porto engloba conselhos como Matosinhos, Gaia, Gondomar, Valongo e alguns outros que não me ocorrem,

que estão bem entrosados entre si. O entrosamento é feito, também, num denominador comum: a cultura, que constitui um dos essenciais centros galvânicos do desenvolvimento das populações. Percebe-se, ao chegar-se aqui, que foi potenciada uma rede transversal de cultura com um fim comum e coeso que funciona como uma espécie de plataforma de união e de crescimento. A dimensão deste vector cultural estabelecido surge num contexto de união de esforços e sinergias baseado num conceito do Porto, cidade Metropolitana. Na minha perspectiva, esta cidade tem vários ex-libris, desde os vários edifícios como a Torre dos Clérigos, até as salas de espectáculos que de alguma forma se tornaram míticas, como é o caso do Coliseu, o Rivoli, o teatro Sá da Bandeira e outros; neste contexto surgiu já há alguns poucos anos a Casa da Música, que definitivamente ocupou o lugar de sala principal de espectáculos apresentando sempre um cardápio invejável para as diversas manifestações culturais.

Devo dizer que fui apanhado de surpresa pela animação cultural que se vive aqui, pois deveria ter planeado a minha viagem de acordo com a agenda que estes espaços proporcionam para não correr o risco de falhar, por exemplo, alguém como Wayne Shorter, figu-

ra que se confunde com a história do Jazz. Shorter fez parte do movimento hard bop envolvido nos Jazz Messengers de Art Balkey, depois no quinteto de Miles Davis nos anos '60, para no período do movimento Fusion enquadrar-se naquela que foi a banda impulsora do referido movimento, os Weather Report, de Joe Zawinul, destacando-se sempre como um compositor, intérprete e solista de extrema originalidade. Estará com uma formação de se meter inveja. Brian Blade na bateria, John Patitucci no contra-baixo e Danilo Perez no piano. Deverá ser a tournée para o seu último disco, Fools Print, no entanto deverá brindar a sala com outros grandes êxitos. Será na Casa da Música no dia 11 de Março.

Bem, como podem imaginar, estou imbuído num ambiente de extrema excitação, no corredor obrigatória onde as coisas devem acontecer- o Porto ganhou já o estatuto de corredor obrigatório de passagem. Só para terminar este primeiro Call desde as margens do rio Douro à baía de Maputo gostaria de fazer um parêntese em género de provocação:

Qual seria a equação matemática, sociopolítica e económica que se deveria desenhar para a obtenção dos mesmos resultados num contexto Maputo - Matola? Voltarei em breve. Abraços, beijos e carinhos. @

PROCURANDO @ VERDADE

O GRANDE FREITAS



Pedro Marques Lopes
Cronista

Há muitos, muitos anos e fruto de razões que agora não interessam para esta conversa, os jogadores do FC Porto tinham algum receio de ir jogar ao estádio da Luz.

Numa semana em que o Porto tinha de vir jogar contra o Benfica, o maior treinador português de todos os tempos, José Maria Pedroto, resumiu a situação que, na sua opinião, levava a que o Benfica fosse muitas vezes campeão: no estádio desse clube lisboeta havia sempre “erros” de arbitragem e eram tão flagrantes que o Zé do Boné lhes chamou “roubos de catedral”.

Estava montado o banzé. O jornal A Bola, fez daqueles desabafos escândalo nacional colocando-os na primeira página. Apelos foram feitos para que o povo benfiquista exibisse o seu descontentamento e revolta perante tão “escandalosas” afirmações.

Reza a lenda que o presidente do FC Porto, Américo de Sá, preocupado com a mais que provável má recepção

aos jogadores e sabendo da tremedeira que dava a alguns, chamou o chefe de departamento de futebol, Pinto da Costa, e o Pedroto para ver como é que havia de lidar com a situação. Ali mesmo, o treinador disse-lhe para não se preocupar, que quando a equipa saísse para o jogo só se iria ouvir meia dúzia de assobios.

Chegou o dia do jogo. A Luz rebentava pelas costuras: cento e vinte mil lâmpadas em fúria esperavam o aquecimento dos azuis e brancos.

Deu-se a tática mais cedo que o habitual e, quando os jogadores, meio assustados com aquele clima, se preparavam para subir ao relvado o Pedroto chama o Freitas e diz-lhe: “Ó Rapaz, vais sozinho aquecer. Pões-te de frente para o Terceiro Anel e passas o tempo a mostrar-lhes os dedos do meio e bem apontados para os jogos. Ouviste?”

O Freitas, negro de Angola, ficou branco como a cal. É que apesar de ser um daqueles centrais que vêm o espa-

ço entre os pés e o pescoço uma canela só, era um rapaz tímido e meio medroso. Mas o respeitinho é muito bonito e o grande José Maria não era, propriamente, um treinador dialogante. Benzeu-se, despediu-se dos colegas e lá foi o bom do Freitas.

A Luz esteve para desabar. De cada vez que o jogador do Porto levantava o braço havia síncope entre os adeptos do Benfica. Os assobios eram tantos que os otorrinos alfacinhas não tiveram mãos a medir durante um mês. A pobre da mãe do Freitas, em Cabinda, foi tão insultada que teria de durar 4000 anos para ter feito um milésimo das coisas de que a lampionagem a acusava.

Passados vinte minutos, entrou o resto da equipa. Nessa altura, já a turba estava tão cansada que já não houve grandes reacções: Meia dúzia de assobios afónicos e uns insultos sussurrados. O Freitas ficou praticamente surdo mas a equipa portou-se bem. @



envie sms para o jornal @Verdade nos nº 821115 / 84 15 152



Alô @Verdade gosto muito de ler o vosso jornal. Parabéns pela forma como conseguem transmitir a verdade, beijos ao meu marido Félix que está em Cabo Delgado. **Stela do bairro Laulane**



Afinal qual é o papel do militar na sociedade moçambicana? Existem militares nas bandas de xiquelene antigo paragem dos Transportes TSL, na calada da noite, a fazerem das suas. **Anónimo**



Não tinha tido antes a oportunidade de felicitar @ verdade de forma verdadeira por nos informar. Amei a entrevista com Jorge Palma. Parabéns pela verdade. **Tinoca**



Bom dia! Simples, é o seguinte: uma vez

plantei um pé de bambu e um ano depois contei 20 pés ao redor do que plantara, lógica da vida. Escrevo a propósito da Praça dos Combatentes, onde Xiquelene virou Swikeleni, a bola vai parar onde o “crack” quer. Será que o professor Simango vai ser o nosso Messias para acabar com aquela desordem?



Saúdo com ajuste da hora. Parabéns ao @ Verdade pela nobre missão de informar. O jornal chega longe, mas fico triste quando não vejo o Sudoku, mas que fazer? Gostaria de jogar também. **Muianga**



O jornal @Verdade dá-me forças na minha opção sexual apesar do preconceito da sociedade. Para todas as lésbicas, como eu, usu-

fruem da vossa escolha. **Mertina Mekssony**



Alô @Verdade peço ajuda, sou homossexual não tenho quem pode me possa fazer companhia. Tenho 30 anos. Espero a resposta. **Joel**



Bem-haja mano Arsénio por tudo aquilo que fizeste pelo hóquei em patins e pelo apoio que continuas a dar; teus filhos são a expressão daquilo que sempre foste. Já é tempo de homenagear outra pessoa: o nosso querido Senito. **Anónimo**



A mentira nunca chega a ser meia verdade, como se explica um ministro com 10 casas? Uma escola sem carteiras? 200 alunos cada turma? Visitem a escola de Gwaza Mutini. **NRG.**

SELO D' @VERDADE

AO EDITOR DO JORNAL @VERDADE

Escrevo-lhe este breve e-mail para parabenizá-los pela coragem de publicar a entrevista sobre a questão da orientação sexual.

Sou representante da LA-MDBA, a primeira e única organização LGBTI (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e Intersexuais) Moçambicana. Estamos formados como movimento deste 2006, e temos como missão lutar para que todos os indivíduos tenham

o direito de exercer a sua orientação sexual de forma livre e que a sociedade respeite a sua forma de viver e que o estado garanta e proteja os seus direitos. Trabalhamos na cidade de Maputo, e temos pequenos grupos nas províncias, desta forma muito timidamente estamos a construir este movimento. É muito difícil a mídia local retratar ou dar a face humana a esta questão.

Quando o fazem, fazem de uma forma sempre a crítica.

Só queria deixar aqui uma coisa: a homossexualidade em Moçambique não é crime. O que existe é a recriação, a discriminação e a estigmatização por parte da sociedade.

Conforme a entrevistada disse, nos também somos humanos e merecemos o mesmo respeito como qualquer outro indivíduo.

@VERDADE

“A verdade dói mas tem de ser dita” assim diz um adágio popular.

Olá @verdade, escrevo pela primeira vez apenas para felicitá-los pelo excelente trabalho que têm realizado. Está provado cientificamente que apesar de o jornalista pautar por uma neutralidade axiológica, nunca poderá atingir em 100% a objectividade. Contudo, acredito que vo-

cês estão próximos da tal almejada objectividade jornalística. Na minha modesta opinião, acredito que @Verdade tem uma das maquetes mais atraentes e bonitas dos semanários que se produzem em Moçambique e uma linha editorial excelente. Os vossos textos não nos cansam a vista, são atraentes, as vossas manchetes não são sensacionalistas e

a vossa linguagem é mesmo jornalística. @Verdade é o verdadeiro conceito de abordagem jornalística generalista. Na verdade, @Verdade se não fosse mahala seria o semanário mais vendido no país. Continuem assim e tentem ser cada vez mais perfeitos. **ARSÉNIO JOSÉ FARRANGUANE**
*ESTUDANTE DO 4º ANO DE JORNALISMO NA UEM/ECA

RETROOBJECTIVA

Postal: Editor Lu Shih Tung,
Praia da Polana - Lourenço Marques, 1955



Trata-se seguramente de uma das últimas fotografias do chamado “esta - belecimento de banhos” e “pavilhão de chá” da Praia da Polana, entretanto demolido, embora à sua frente subsistam alguns vestígios da primitiva rede de protecção dos banhistas.



Palácio de São Paulo

O actual palácio - hoje museu - está instalado num antigo colégio de jesuítas que data dos alvares do século XVII. Em 1670 foi totalmente arrasado pelos árabes. Mas em 1674 já estava de novo reconstruído. Em 1759, com a extinção das ordens religiosas em Portugal e nas colónias, o palácio passa a propriedade da Coroa, servindo de residência oficial aos governadores-gerais até 1898, ano em que a capital foi transferida para Lourenço Marques. A partir de 1935, quando Nampula passou a ser a capital do Norte, agudizou-se o seu abandono. Serviu, então, de morada a serviços administrativos e foi palco da recepção ao Presidente da República Portuguesa, Óscar Carmona, quando este visitou Moçambique, em 1939. Já depois da independência Samora Machel recebeu ainda aqui delegações estrangeiras.

Gorongosa

O regresso do tesouro da floresta!

Depois de longos anos de letargia, hoje o Parque Nacional da Gorongosa (PNG) - outrora o maior parque de caça - volta a ter tudo o que um turista de gosto refinado precisa para se deleitar. Mas ainda há desafios a vencer, como o de repovoar o que o homem destruiu.

Texto: **Anselmo Títos**
Foto: **Paul Kerrison**

Sobre o nascimento, a história, as agruras e as desgraças por que passou o PNG, há muito que tudo está escrito. Porém, a partir da altura em que a actual equipa (da Fundação Carr) tomou a iniciativa de chamar a si a responsabilidade de cuidar do futuro do parque, o cenário mudou para o melhor, como da noite muda para o dia. É verdade que ainda há pela frente um longo caminho por percorrer e imenso trabalho a efectuar para que o PNG venha, realmente, a exibir a riqueza que esconde na sua imensa floresta. E venha oferecer o seu esplendor, à semelhança do que já brindou os seus visitantes: ser o melhor parque de caça existente em África e - quiçá - de todo o mundo, se a análise for feita, cobrindo o período até aos anos '80.

Desde que assumiu a liderança da gestão do PNG, a Fundação Carr e a sua vasta equipa de colaboradores têm dado o seu melhor para a efectiva recuperação em todas as vertentes daquele gigante turístico. Porém, há que dar destaque a resultados já palpáveis das obras efectuadas pela Fundação Carr até o momento: a recuperação total do acampamento de Chitengo, o seu indiscutível ícone e a reintrodução de algumas espécies praticamente extintas pela acção e gula do homem. Mais do que isso, quem hoje visita o PNG pode testemunhar mais um fenómeno não menos importante: a transferência pacífica e - diga-se em abono da verdade - benéfica das comunidades que viviam que no interior do Parque para as zonas circunvizinhas.

Números e esforços
As últimas estatísticas efectuadas no Parque Nacional da Gorongosa permitem que mantenhamos alguma esperança. Das várias conclusões, a primeira é naturalmente assustadora: das 12 espécies que constam nas contagens de 1972, num total de 37.200 animais, a guerra civil exterminou 8 delas, e reduziu o efectivo então existente, a 636 animais. Sem contar com algumas espécies, como sejam a imbabala, a inhala, o oribi, o javali, o eão, o leopardo, a hiena, o mabeco, o bushpig, as diversas espécies de macacos e aves, foram dizimados mais de 35.565 animais, que constituíam uma riqueza incalculável de difícil, ou mesmo impossível, recuperação. Mas, graças às inteligentes medidas que a Fundação Carr - que investiu US\$ 1,2 milhão de dólares - tem vin-

do a colocar em prática, tendo em vista a reposição das espécies, a recuperação da fauna bravia do PNG pode ser considerada espectacular, o que acalenta razões para alegria e faz ter alguma esperança no futuro do Parque. Note-se, também, que, relativamente às estimativas de 1972, há a incrível recuperação de changos. Também há resultados assinaláveis relativos às gondongas que já é animador. Mas o que mais surpreende é a actual população residente de pivas, que ultrapassou largamente os efectivos registados na contagem relativa ao retro mencionado ano de 1972! Mas há os infelizes, que são das espécies anteriormente abundantes. Espécies das mais importantes e emblemáticas do PNG. As zebras e os elandes, com apenas cinco efectivos cada, conti-



nuam, por isso, a constituir preocupação especial. Ainda assim, e tendo em vista os resultados alcançados em tão curto espaço de tempo, o Governo e a Fundação Carr, bem como as pessoas directamente ligadas à conservação, protecção e manutenção das espécies do PNG, estão cada vez de mãos dadas. Sinal disso foi o Governo, através do Ministério do Turismo, e Greg Carr, presidente da Fundação que leva o seu nome, terem cele-

brado, em Junho último, o Acordo de Gestão Conjunta do PNG.

Visto no exterior
Em Junho de 2008, uma equipa do conhecido programa noticioso de TV dos EUA, "60 Minutes", registou uma das suas histórias no Parque Nacional da Gorongosa. Quatro meses depois, a 26 de Outubro, o inusitado programa da cadeia americana CBS News dedicou a sua emissão ao PNG. @

Pemba e Quirimbas

A dádiva da mãe-natureza

Da região continental, Pemba - a terceira baía mais bela do mundo - à insular, centenas de ilhas compõem o Arquipélago das Quirimbas, oferecendo a natureza quase tudo para a prática de turismo de todo o tipo e durante o ano todo.

Texto: **Anselmo Títos**
Foto: **NT**

O centro urbano mais importante é Pemba, uma cidade histórica situada na baía com o mesmo nome, a terceira maior do mundo, que constitui também um importante local turístico. Mas é ao longo de 200 quilómetros de costa, onde se encontra o paradisíaco arquipélago das Quirimbas que possui 32 ilhas que ressaltam pela beleza das suas praias e importância histórica. Dentre todas, uma surpreende pela sua magnificência: a de Vamizi, que exhibe

as areias e as águas, de tom azul ao esverdeado, que se estendem desde o heliporto até ao superluxeoso complexo. Bem ao norte, não muito distante da foz do Rovuma, Vamizi foi uma das praias escolhidas entre as dez melhores de Moçambique. Para chegar lá, existe a ponte aérea que os proprietários dos lodges fazem a partir de Pemba. Lá está, também, sorridente e de braços abertos para receber quem a procurar: a histórica ilha do Ibo. Medjumbe é também uma das ilhas do arquipélago das Quirimbas escolhida pela

Rani Resorts para instalar um lodge de luxo, de cinco estrelas. A praia é soberba e quase deserta.

O sonho e a marca da imagem
O grande sonho é este: ter, em 2013, na área do turismo, uma força de trabalho local altamente qualificada para garantir a prestação de um serviço igualmente de alta qualidade em benefício dos visitantes e das comunidades locais. A ideia é a de que os recursos culturais e naturais sejam bem conservados e melhorados em harmonia entre as comunida-



des e os visitantes; que haja um sector público informado; o privado próspero, e, finalmente, uma reputação internacional como destino turístico. A cultura, identificada como uma das variadas vantagens competitivas que Cabo Delgado tem, é vista como não estando ainda acessível à maioria dos turistas. Fala-se na construção de um centro cultural na capital provincial, que seria como que uma oficina em que vários

artesãos e artistas pudessem trabalhar, vender os seus produtos e até ministrar aulas aos turistas sobre a cultura local, onde a gastronomia estivesse presente, incluindo um recinto de espectáculos para a música, a dança e os grupos teatrais. Trata-se de ma ideia que, coincidentemente, consta do plano estratégico de uma das mais sonantes associações culturais da cidade de Pemba, o Tambu Tambulani Tambu, que até já tem obras

em curso no seu terreno, no bairro de Nanhimbe. Para o Tambu Tambulani Tambu, o centro cultural vai, entre as suas três principais vocações, designadamente teatro, música e dança, introduzir nas crianças a arte de pintar e encontrar um pequeno departamento que se dedique a ensinar os turistas alguns elementos mais importantes da cultura local: modo de cumprimentar, noções da língua, entre outros aspectos. @

Fortaleza de S. Sebastião

Dominando imperialmente o extremo norte da Ilha, a fortaleza começou a ser construída em 1558 com granito e basalto provenientes de Portugal. Demorou 40 anos a sua edificação total. Considerada o exemplar mais representativo da arquitectura militar portuguesa na costa oriental de África, a cidadela foi um ponto de apoio fundamental para as naus a caminho da Índia, resistindo galhardamente aos cercos turco, holandês, árabe de Mascate e francês. No auge disponibilizava quartéis para tropas, capela, hospital e armazéns. Beneficia actualmente de obras de reabilitação.

Inhambane

Um espaço turístico invejável

Para quem vai por via terrestre à província de Inhambane, muito cedo apercebe-se da sua beleza e do seu potencial turístico. A zona de Quissico é um exemplo flagrante disso. As belíssimas e fantásticas lagoas, algumas que vão de encontro ao mar, fazem uma simbiose perfeita com a paisagem do extenso palmar costeiro.

Texto: **Victor Desejado**
Foto: **NT**

Como se não bastasse, acrescentam-se as praias de águas azulíssimas e límpidas, que vão de Quissico até a província de Sofala, com quem Inhambane faz fronteira nacional a norte, as dunas e novamente o palmar infundável. A própria cidade de Inhambane é um grande atractivo turístico por ainda manter uma estrutura arquitectónica dos séculos passados, a simpatia, a afabilidade e a hospitalidade dos seus residentes. Vasco da Gama, navegador português dos descobrimentos, desembarcou ali em 1548 e logo chamou-lhe “A Terra da Boa Gente”, talvez pela forma como foi acolhido, quando com a sua tripulação procuravam mantimentos. Hoje, volvidos mais de 500 anos, a frase continua a identificar a província com as melhores praias do país, e também com um belo mangal por explorar, segundo a Homepage da Visão Viagens África Médio Oriente, que acrescenta que “praticamente durante todo o ano é possível tomar banho e desfrutar das praias da província, mas evitar o perío-

do do Natal, devido à forte e massiva concentração de turistas sul-africanos”.

Ja na capital da província, que leva o mesmo nome, a praia do Tofo, conhecida como “a sombra das casuarinas”, com a sua satélite Tofo e a praia da Barra, são os melhores destinos, oferecendo a beleza natural, bons locais de acomodação e divertimento e, como não poderia deixar de ser, também para se deliciar o que Inhambane tem nas suas águas do mar, como os diversos tipos de mariscos e peixes, pratos de outros quadrantes do universo mundial e, como se não bastasse as variedades locais de comidas, condimentadas com óleo de palma, onde não falta a sura, bebida extraída da palmeira para acompanhar e que tem sido desfrutada por muitos estrangeiros e nacionais que chegam ali.

O paraíso turístico não termina na capital provincial. A norte no distrito da Massinga, o turista vai deparar com a também belíssima praia de Morrungulo, e como tantas outras, casada com o orgulho da região, o palmar. As dunas e os man-

gais estão sempre presentes. Depois segue-se a de Pomenne que também tem uma reserva natural com o mesmo nome. Vêm depois as praias de Vilankulos e a ampla de Inhassorro. Ao lado destas últimas temos o Arquipélago de Bazaruto, cuja primeira ilha tem este nome e a segunda é a de Magaruque, depois a de Benguerre e Santa Carolina. Aqui está, igualmente, localizado o Parque Nacional do Arquipélago de Bazaruto.

A sul de Quissico até Inhambane estão disponíveis boas escolhas para os turistas, como a Baía dos Cocos, Guinjata, enseada encravada entre falésias, próximo do local onde foram rodadas as filmagens da novela Jóia de África. Lá para Quissico, terra das timbilas encontram-se as pérolas de Zavala e Ponta de Závora.

O que falta? Surpresa, talvez não. A norte do distrito da Massinga, no vizinho Mabote, localiza-se o Parque Nacional do Zinave, com avestruzes, girafas e zebras. O mar de Inhambane tem igualmente umas populações protegidas de dugongos e tartarugas. @

Ilha de Moçambique

Encantos degradados

Com o estatuto de Património da Humanidade desde 1992 e capital de Moçambique durante 300 anos, a Ilha que deu o nome ao país, continua, entre planos de reabilitação de edifícios e de despovoamento, à espera de melhores dias. Para quando a sua execução?

Texto: **João Vaz de Almada**
Foto: **NT**

Ao contrário do que se imagina quando se fala de uma ilha, este território pode ser atingido via terrestre. Para isso tem de se percorrer uma estreita e ferrugenta ponte de 3,5 quilómetros construída pelos portugueses nos idos de 60. Há, por isso, quem defenda que a Ilha de Moçambique, não é verdadeiramente uma ilha. O que seja não importa. É um território de três quilómetros de comprimento com uma largura de 200 metros no ponto mais estreito e 400 metros no mais largo, orientado no sentido nordeste/sudeste à entrada da Baía de Mossuril. Sob o ponto de vista arquitectónico a ilha está dividida em duas: a “cidade de pedra” e a “cidade de macuti”. A primeira possui cerca de 400 edifícios (incluindo os principais monumentos); a segunda, na metade sul da ilha, conta com 1.200 habitações de construção precária maioritariamente de caniço. Depois da Independência, a guerra foi responsável pelo sobrepovoamento da ilha, que hoje possui 10 mil habitantes, três vezes mais do que em 1975. Presentemente, existe um plano de realojamento do lado continental para mais de 6 mil pessoas, mas as autoridades debatem-se com a relutância das populações em abandonar as suas casas degradadas. O saneamento básico é um problema grave e as defecções no mar são constantes. Desde que a ilha foi declarada Património da Humanidade pela UNESCO, em 1992, pouco se tem feito em relação à recuperação



de edifícios históricos. Salvo uma ou outra excepção, na qual se inclui a presente reabilitação da Fortaleza de S. Sebastião pela UNESCO com apoio da Cooperação Portuguesa, a ruína é geral. Mas mesmo nesta degradação, mesmo neste abandono, o charme e o encanto resistem em cada recanto, em cada esquina.

Um pouco de História
Aquando da chegada, a 2 de Março de 1498, do navegador português Vasco da Gama, dominava a ilha uma colónia de árabes do litoral do Mar Vermelho, que fazia daquele local porto de escala entre Sofala e Quíloa, a cujo senhorio pertencia. Já nessa altura a ilha era um rentável entreposto de trocas comerciais. A situação geográfica, abarcando os mercados africanos, árabes e indianos, permitia-lhe obter uma importante parcela do comércio entre estes continentes. Com a chegada dos portugueses cresce a sua importância, passando a ser escala obrigatória dos navios em trânsito pela rota do Cabo. Em 1583, ficou concluída a fortaleza à qual se

deu o nome de S. Sebastião. O século XVIII é a época da grande prosperidade muito associada ao ignominioso, mas extraordinariamente rendoso tráfico negreiro. Entre 1750 e 1760 saíram da Ilha escravos à razão de 6 mil por ano. Eram capturados em Inhambane, Sofala, Quirimbas e vale do Zambeze. Com a separação administrativa do Estado da Índia, forma-se logo em seguida a capitania de Moçambique, Sofala e Rios de Sena, cabendo ao seu Capitão-General, instalado na Ilha, honras iguais aos dos governadores de Angola e Rio de Janeiro. A partir da segunda metade do século XIX, a Ilha de Moçambique começa a perder importância. Quelimane ultrapassa-a no tráfico de escravos. Depois, com a extinção deste e com o desenvolvimento das transacções comerciais com o Transval, Lourenço Marques arrebatou-lhe, definitivamente, no ano de 1898, o estatuto de capital da Província de Moçambique. A ilha sofreria ainda um segundo revés em 1935 com a transferência da capital provincial para a nova cidade de Nampula. @



**TER BRADAS É BOM, MAS
A VERDADE, É QUE LIGAR PARA ELES
DE BORLA É MELHOR AINDA.**

Para activar basta digitar: *103*84xxxxxxxx*84xxxxxxxx*84xxxxxxxx# ok



Falta de independência da CNE afectou transparência das eleições em Angola

A organização de Direitos Humanos 'Human Rights Watch' não quer que as "falhas" do processo eleitoral caiam no esquecimento. O país discute se vai eleger o Presidente por sufrágio directo ou por votação indirecta

Texto: Ana Dias Cordeiro/J. "Público"
www.verdade.co.mz

Enquanto em Angola se inicia a discussão sobre a nova Constituição, que definirá se o Presidente continua a ser eleito por sufrágio universal ou se passa a ser designado por voto indirecto pelo Parlamento, a Human Rights Watch lembra que, a realizarem-se, as presidenciais não poderão cometer as mesmas falhas das legislativas de Setembro de 2008.

O relatório divulgado hoje pela HRW, Democracia ou Monopólio? O regresso relutante de Angola às eleições, chama a atenção para "a partidarização da Comissão Nacional Eleitoral (CNE), a sua falta de independência e poder" face ao órgão governamental que controlou grande parte do processo, o CIPE (Comissão Interministerial para o Processo Eleitoral).

"Foi uma falha fundamental que levou a outras", explica, por telefone, a investigadora da HRW Lisa Rimli. "Não se deve passar uma esponja por cima das legislativas porque há muitas expectativas sobre as presidenciais". A questão é como vai o Governo, com uma vitória que lhe deu domínio político absoluto, "corrigir estas falhas". "Difícilmente se reforçarão os direitos civis e políticos", conclui.

Nas legislativas, as primeiras desde 1992, o MPLA do

Presidente Eduardo dos Santos venceu com 81,7 % e na Assembleia apenas ficaram quatro partidos da oposição, que perderam força. O MPLA obteve 191 dos 220 assentos, maioria mais do que qualificada que lhe permite aprovar uma nova Constituição. Em causa está também o sistema de governo passar a ser presidencialista.

A dúvida sobre a eleição do Presidente foi levantada pelo chefe de Estado no Comité Central do MPLA, em Novembro, declarações controversas mesmo dentro do partido no poder. Para a HRW, a discussão acrescenta à incerteza já existente: não só sobre a data das presidenciais mas sobre a sua própria realização. A HRW retoma aspectos referidos no relatório da missão de observadores da União Europeia (UE), como a parcialidade dos media, a desigualdade no acesso aos recursos do Estado ou a falta de independência da CNE, que levaram os observadores a falar de falta de transparência, por exemplo, no apuramento dos resultados.

Mesmo não sendo a função da HRW definir se as eleições angolanas foram livres, justas e transparentes, Lisa Rimli aceita responder, distinguindo cada um dos termos: "Justo, o processo não foi, pois houve discriminação no acesso aos



media; os subsídios do Estado para a oposição chegaram tarde; o MPLA aproveitou-se dos recursos do Estado de uma maneira que ultrapassa o que podia fazer por lei, e isso não foi justo", explica.

"Por outro lado, houve respeito pelo direito de antena e a polícia protegeu as delegações dos partidos, houve esforços positivos. O processo foi livre porque os partidos puderam fazer campanha mas não o foi se tivermos em conta que os serviços da Segurança do Estado continuaram e continuam a intimidar de maneira sistematizada e que o acesso à informação não foi livre."

Sobre transparência, não tem dúvidas: "Se não houve supervisão transparente pela CNE como poderia o processo ser transparente e credível?"

À semelhança da missão da UE, nada conclui sobre o impacto que as falhas tiveram na vitória esmagadora do MPLA. Mas comparando com as eleições de 1992, diz Rimli, "muitos nos disseram que há 16 anos as eleições foram menos livres mas mais justas". Menos livres porque MPLA e UNITA tinham cada um a sua força militar, o que levou ao regresso à guerra. Mas mais justas "porque havia mais equilíbrio de poder".

Eleição indirecta "fragilizaria" Presidente eleito

Uma alteração constitucional que consagre a eleição indirecta do Presidente "seria uma violação da Constituição" e "um retrocesso ao processo democrático", afirmou Lazarino Poulson, professor da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, citado pelo jornal 'Público' na terça-feira. Além disso, se for eleito por via indirecta, José Eduardo dos Santos terá uma legitimidade reduzida porque "indirecta". Fica "enfraquecido e dependente do Parlamento". Por outro lado, se for eleito por sufrágio universal directo, e não obtiver os 81,7% com que o seu partido, o MPLA, venceu as legislativas de Setembro, também ficará enfraquecido aos olhos do seu partido, comenta Justino Pinto de Andrade, académico e ex-militante do MPLA, agora ligado à Frente para a Democracia, na oposição. "Os resultados das legislativas foram fruto de muitas manobras. Para ter um resultado igual ou superior teria de haver ainda mais manobras. Com a eleição indirecta, Eduardo dos Santos evitaria esse problema."

Foi o próprio Presidente que, em Novembro, no Comité Central do MPLA, falou pela primeira vez na possibilidade de a eleição presidencial ser por "sufrágio indirecto". Evocou a existência de "duas correntes de pensamento". As vozes dissonantes não se fizeram esperar, como a de Marcolino Moco, ex-primeiro-ministro, que considerou tal possibilidade uma "manobra perigosa". O Presidente não disse se preferia a "eleição directa", como consagra a Constituição de 1991. Apenas disse que o calendário para as presidenciais ficaria condicionado à aprovação da nova Constituição, em 2009. A comissão constitucional, dominada pelo MPLA, começou os trabalhos na semana passada. O seu líder, o deputado do partido no poder Bornito de Sousa, deu a entender que a aprovação levaria no máximo seis meses. A oposição não tem força para comprometer o processo. Mas o tema da eleição indirecta não é pacífico no MPLA. "O Presidente teve o bom senso de trazer à discussão o tema, mas há uma fraca probabilidade de ter acolhimento", refere Poulson. "Seria uma violação da Constituição, que não permite que se altere o modo de eleição dos órgãos de soberania." A não ser que fosse "uma Constituição de ruptura", que só se justifica em revoluções ou mudanças de regime, como em 1991, quando terminou formalmente o sistema de partido único, com esta Constituição. @

Etíope libertado de Guantánamo

Binyam Mohamed, um etíope de 30 anos com residência no Reino Unido, chegou esta segunda-feira a Londres proveniente da prisão de Guantánamo, onde permaneceu retido durante mais de quatro anos. O etíope, o último preso com direito a solicitar o seu regresso ao Reino Unido, abandonou aquele estabelecimento prisional graças a um acordo entre o Governo britânico e o norte-americano de forma a ser trasladado para Londres na semana passada.

No passado dia 11 de Fevereiro, Mohamed pôs fim a uma

greve de fome que havia começado a 5 de Janeiro como forma de chamar a atenção para a sua situação, após ter recebido a visita de um grupo de funcionários e médicos britânicos que estavam a negociar a sua libertação.

Mohamed foi detido em 2002 no Paquistão e, de acordo com o próprio, foi transportado pela CIA dos EUA para uma prisão em Marrocos, onde afirma que passou 18 meses sofrendo torturas. O etíope acusou agentes britânicos de cumplicidade com os torturadores em Marro-

cos há mais de quatro anos. "Devo dizer, mais por tristeza do que por enfado, que houve muitos cúmplices dos meus horrores durante os últimos sete anos. Para mim, o pior de tudo, foi quando me dei conta, em Marrocos, que quem me torturava estava a receber perguntas e material da inteligência britânica", acrescentou Mohamed.

O jovem chegou ao Reino Unido em 1994 como refugiado e trabalhou como porteiro em Londres até 2001, quando viajou para o Afeganistão e Paquistão para, segundo os

seus advogados, ultrapassar os seus problemas de droga. "Passei por uma experiência que nunca imaginei, nem nos meus mais obscuros pesadelos", declarou.

A libertação de Mohamed de Guantánamo é a primeira desde a eleição de Barack Obama como presidente dos EUA. O primeiro-ministro britânico, Gordon Brown, declarou que fará "tudo o que estiver ao nosso alcance para defender a segurança de pessoas do nosso país." Os EUA haviam acusado Mohamed de participação num conluio



para detonar uma "bomba suja" no seu solo, mas retiraram a acusação em Outubro passado.

Entretanto, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos agradeceu os esforços do Go-

verno britânico pelo "trabalho conjunto" e reiterou que "a amizade e a assistência da comunidade internacional é de crucial importância enquanto trabalharmos para encerrar Guantánamo." @

destacou, no seu primeiro discurso no Congresso como chefe da nação, que os Estados Unidos iniciaram “uma nova era de diálogo” com o mundo. “Com factos e com palavras, estamos a mostrar ao mundo que uma nova era de diálogo começou”.

Os verdadeiros ‘slumdogs’ de Bombaim



2,5 Quilómetros quadrados. Um milhão de pessoas. Dharavi é, antes de tudo o mais, uma equação matemática impossível. Não. Dharavi são muitas equações impossíveis. Uma torneira de água corrente para 100 habitantes; 15 mil pequenas fábricas num espaço correspondente a um campo de futebol; 30 mil oficinas a viver, literalmente, do lixo. Quem é que iria lutar por num lugar como este? Mesmo assim vivem aqui um milhão de pessoas, agora ameaçadas de despejo.

Texto: David Jiménez / jornal “El Mundo”
Foto: Lusa

Os habitantes deste bairro de lata, o maior da Ásia, não se revêem no lugar deprimente e marginal que o filme “Slumdog Millionaire”, que acaba de ser o grande vencedor este ano dos Óscares da Academia de Hollywood, descreve. Há dias muitos dos seus habitantes abandonaram as suas casas de cartão e chapa de zinco para protestar contra o filme bramando: “O nosso bairro é um lugar digno.” Desagradava-lhes especialmente o título: ‘Slumdog Millionaire’ - título original - Slumdog, quer dizer cão de bairro de lata, nome que se dá a quem habita este infinito oceano de humanidade no centro de Bombaim. Mas como é a vida no lugar que inspirou a história de pobreza e superação que está a conquistar o mundo? Dharavi é tudo isso: é um destino de sobreviventes. Desalojados, intocáveis, muçulmanos, tamiles, bengalis e todos os demais representantes da Índia diferente e esquecida que escaparam à fome, à pobreza ou às inundações nas quais perderam tudo. O lugar foi, até finais do século XIX, um

terreno pantanoso habitado por pescadores koli que foram forçados a abandoná-lo quando a contaminação das águas começou a fazer vítimas, terminando com a sua forma de vida. Em seu lugar surgiu gente atraída pelo sonho das grandes oportunidades que constitui a grande metrópole que é Bombaim, a Hollywood indiana. Há prostitutas, chulos, polícias corruptos que se passeiam com cachorros de bambu, penhoristas sem coração, mecânicos de quase tudo e crianças esfarrapadas. Mas também homens engravatados que regressam a casa depois de mais um dia de trabalho.

Dharavi é sobrevivência

Precisamente porque Dharavi é sobrevivência, é que os seus habitantes se encontram em pé de guerra. O cenário de ‘Slumdog Millionaire’, do qual o seu

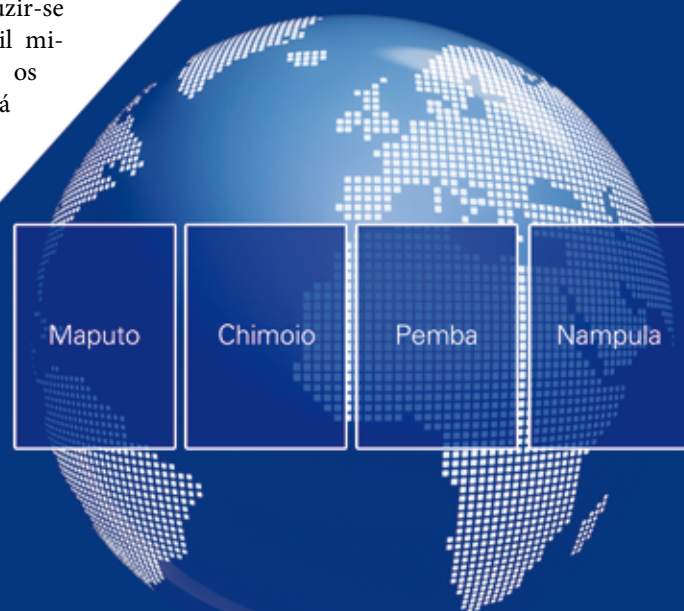
jovem protagonista sonha escapar ganhando uma fortuna num concurso televisivo, tem os dias contados. Bombaim, a cidade superpovoada com cerca de 20 milhões de pessoas, pretende transformar-se numa cidade limpa e moderna. Será a “Nova Iorque do Oriente”, asseguram as autoridades locais. Graças à sua posição estratégica no centro da capital financeira da Índia, o bairro está situado num dos solos mais caros do mundo. A operação de transformar Dharavi num centro financeiro e bairro

de luxo poderá traduzir-se num lucro de 10 mil milhões de euros para os seus promotores. Só há um problema. Bom, um milhão de problemas...

Oferta Simples

A oferta para os habitantes de Dharavi é simples: deixem-nos derrubar a sua barraca e em troca iremos dar-lhe um modesto apartamento mas com pequenos luxos como uma retrete e água corrente. Mas os seus residentes não querem os novos apartamentos, porque as suas barracas fazem de oficina durante o dia e por isso constituem o seu único meio de subsistência. Para vender, precisam de estar no rés de chão e não num quinto andar. No passado foram demasiadas as promessas que não foram cumpridas. São demasiadas

do recentes os acordos de destruição de outros bairros que acabaram por não ter qualquer compensação. Os habitantes de Dharavi preferem permanecer com o que têm do que confiar nos funcionários que jamais se preocuparam com eles anteriormente. @



A número um em Moçambique The number one in Mozambique

A KPMG Moçambique é a mais antiga firma de auditoria e consultoria a operar em Moçambique, com um vasto e profundo conhecimento da economia local. Oferecemos uma ampla gama de serviços prestados por mais de 170 profissionais, a maioria dos quais nacionais e 5 sócios, reforçada pelos recursos internacionais da firma.

A KPMG Moçambique possui uma rede de clientes ampla e diversificada, que abrange entidades do Governo, grandes empresas nacionais e internacionais e PME's.

A KPMG é reconhecida pelo mercado moçambicano como a melhor firma de consultoria e auditoria, tendo sido premiada com os prestigiosos prémios PMR por três anos consecutivos (de 2006 a 2008). Somos também a única empresa de consultoria e auditoria de grandes dimensões com um escritório permanente na província de Nampula, de modo a servir a rede de clientes no Norte do país e também com escritórios de projectos em Gaza, Manica e Cabo Delgado.

Os nossos relacionamentos com os clientes são governados por um espírito de parceria que nos conduz a uma visão partilhada, mas sempre intransigente no que diz respeito à independência, que é por nós considerada como crucial numa atitude sempre caracterizada pela integridade e aproximação imparcial ao trabalho profissional.

KPMG Auditores e Consultores SA • Rua 1.233, nº 72C • Maputo-Moçambique • Tel: 00258 21 355 200 / Fax: 00258 21 313 358
www.kpmg.co.mz

AUDIT • TAX • ADVISORY

KPMG

do Exército de Libertação Nacional (ELN), da Colômbia, desertou com outros 15 companheiros, entre eles um menor de idade, depois de dopar com uma erva sonífera os chefes que os vigiavam. A mulher contou que tomou a decisão de fugir depois de o ELN ter morto a sua mãe, seus dois irmãos e o seu marido.

Milionários amigos de Putin perdem 2/3 do seu património

Os multimilionários russos viram, nos últimos tempos, as suas fortunas reduzirem-se substancialmente devido à crise financeira, porém têm tratado de conservar os seus impérios com a ajuda do Estado. Até agora o Kremlin tem-se mostrado tímido a presentear os oligarcas. O seu enriquecimento foi feito à sombra do Kremlin, mas pode alegar-se em sua defesa o facto de terem actuado até certo ponto como porta-estandartes da ideologia que imperava no consulado de Vladimir Putin: o fortalecimento da Rússia mediante compras de qualquer coisa desde gasoleiras até altos-fornos.



Texto: P. Bonet / Jornal "El País"
Foto: Lusa

Esta política, praticada quando os preços das matérias-primas se encontravam em alta, levou a operações pouco profissionais. Na lista de Putin, de um total de 295 companhias que podiam aspirar à ajuda privilegiada do Estado, figuram empresas domiciliadas em paraísos fiscais pertencentes a milionários russos. A primeira classificação de oligarcas, desde que começou a crise – publicada pela revista 'Finans' – indica um encolhimento global das grandes fortunas. O património dos 10 primeiros multimilionários russos no seu conjunto soma 75.900 milhões de dólares, 66% inferior em relação ao ano anterior. De 101 multimilionários – indivíduos com

mais de mil milhões de dólares – existentes em 2008, passou-se para 49 em 2009, deste modo 52 magnatas desceram à 'segunda divisão'. No topo da lista surge Mijaíl Projorov, do grupo Oneksim, com um património de 14.100 milhões de dólares (7.400 milhões a menos do que em 2008). O seu golpe de sorte foi vender o pacote da companhia Norilsk Nikel, uma das grandes produtoras de metais do mundo, a Oleg Deripaska, antes que queda dos preços dos metais. Por razões económicas ou a conselho do Kremlin, Projorov renunciou à compra de um palacete na Costa Azul, avaliado em 500 milhões de euros, pelo qual havia pago um depósito de 39 milhões de euros, de acordo com o jornal 'The Times'.

Roman Abramovich, o proprietário do clube londrino de futebol Chelsea, mantém-se no segundo lugar da lista com 13.900 milhões de dólares e perdas da ordem dos 9.100 de USD. Oleg Deripaska, parente do falecido presidente Boris Yeltsin, controla as companhias Russal (Alumínio da Rússia) e Basovy Element e é sem dúvida a grande vítima da crise. Era a primeira fortuna da Rússia em 2008, agora é a oitava, com 4.900 milhões de USD (perdeu mais de 35.000 milhões) tendo sido obrigado a vender as suas acções à companhia canadiana Magna, fabricante de peças do ramo automóvel. Terá que devolver as acções da construtora austríaca Strabag se não pagar nos próximos tempos

um crédito de 500 milhões de euros. O Estado socorreu Deripaska e a Norilsk Nikel com dois créditos, um de 3.000 milhões de USD concedido pelo banco Vnezhtorgbank e outro de 4.500 milhões USD concedido pelo Vneshekonombank (VEB) como forma de o ajudar a devolver o crédito internacional com que ele custeou as acções da Norilsk Nikel. O VEB recebeu 50.000 milhões de USD do Estado para auxiliar as empresas com dívidas internacionais. Contudo, as solicitações superam esta cifra. As autoridades estão cada vez mais receosas, à medida que o dinheiro escorre como água entre os dedos. O vice-primeiro-ministro, Igor Sechin, já afirmou que a Rússia não esgotou ainda todas as possibilidades de resolver os

seus problemas e que o Estado também tem de velar por outros. Depois do empresário metalúrgico Vladimir Lisin, com 7.700 milhões de USD, segue-se em quarto lugar da lista Vagit Alekperov, presidente da petrolífera Lukoil, com 7.600 milhões de USD (5.900 a menos do que em 2008). O seu vice-presidente, Leonid Fedún, encontra-se no décimo-primeiro posto, com 4.500 milhões de USD. A Lukoil recebeu um crédito do banco VEB para pagar a rede de gasoleiras que adquiriu na Turquia por 555 milhões

de USD.

Na décima posição do ranking dos mais ricos encontra-se Alisher Usmanov, da holding Metalloinvest, um urzbeque que demonstra uma grande sintonia com Serguei Chemezov, veterano do KGB e com ligações muito estreitas a Putin, que hoje dirige o consórcio estatal Rostecologia. Calculam-se em 3500 milhões e 5.000 as dívidas de Usmanov e da Metalloinvest, respectivamente. A Metalloinvest está na lista de Putin e Usmanov continua a comprar acções do clube de futebol britânico Arsenal. @

Pub.



O Liceu Alvorada aceita matrículas para o ano lectivo 2009 da 8ª à 12ª Classes, Cursos Diurno - Nocturno.

- Vagas limitadas;
- Paralelismo Pedagógico Completo;
- (Exames na própria escola);
- Salas Climatizadas.

Para mais informações:

Ligue para o Nº 21-320004 ou 82-5374327
Av. Eduardo Mondlane, nº 1267 (próxima da EDM/ Piquete).
Das 8.00 às 12.00/14.00 às 17.00 horas



Matrícula ou preparação dos exames extraordinários para Julho 2009

Escola Estrela do Mar, sita na Sede do Bairro Luís Cabral-Maputo, ainda aceita matrícula ou inscrições para a preparação aos exames extraordinários de julho. Único pagamento para todo o ano, por classe ou por disciplina conforme tabela abaixo. Garantimos alta qualidade de ensino. Localização: desce na junta e segue em direcção desta até lá chegar ou na Maquinag e segue em direcção desta até lá chegar. Para mais informações contacte a secretaria da escola ou pelos telefones: 847700298 ou 21477080.

Matrículas 2009 **Preparação / exames 2009**

	C.Diurno	C.Nocturno	C.Diurno	C.Nocturno
6ª	1.200 MT	1.400 MT		
7ª	1.440 MT	1.680 MT		
8ª	2.280 MT	2.660 MT		
9ª	2.520 MT	2.940 MT		
10ª	3.120 MT	3.640 MT	100 MT	130 MT
11ª	3.360 MT	3.920 MT		
12ª	3.600 MT	4.200 MT	130 MT	150 MT

toneladas foi a produção de cereais na província de Manica na época agrícola de 2007-2008, representando um crescimento assinalável relativamente à campanha anterior, resultante, fundamentalmente, da distribuição de semente melhorada e de um eficiente trabalho de assistência técnica aos produtores.

BREVES ...

TURISMO ENCAIXA 2 BILHÕES DE MT

Cerca de dois biliões de meticais é quanto o sector de turismo, uma indústria em franca expansão no país, gerou, em 2007, sendo Maputo cidade responsável pela maior fatia - 1.130 milhões de meticais -, seguida pelas províncias de Cabo Delgado e Sofala que arrecadaram cerca de 105 milhões e 103 milhões de meticais, respectivamente. As províncias de Gaza e Inhambane, na região sul, e Nampula, no norte, encaixaram, respectivamente, perto de 66 milhões e 65 milhões de meticais, enquanto a província central de Manica facturou 52 milhões. Aproximadamente 43 milhões de meticais é o valor da receita amealhada pela província da Zambézia enquanto Maputo província e Tete, obtiveram 39 milhões e 19 milhões de meticais, respectivamente. A província de Niassa, a mais extensa do país, é a que apresenta o menor volume de negócio nesta área, com cerca de nove milhões de meticais.

PIB PER CAPITA SUBIU NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS

O Produto Interno Bruto (PIB) per capita cresceu nos últimos quatro anos em Moçambique ao passar dos 301 dólares norte-americanos (USD), em 2004, para 473 no passado ano de 2008, um crescimento de cerca de 50 por cento. Em 2006, o PIB per capita foi de 356 USD. Falando a jornalistas a margem do Retiro de Balanço PIB per capita subiu nos últimos quatro anos do Programa Quinquenal do Governo que decorre naquele ponto do Sul do país, entre hoje e Terça-feira, Covane disse que apesar dos factores adversos o quadro macroeconómico continua positivo. Com efeito, segundo ele, a taxa de crescimento económico em 2004 foi de 7,5 por cento, para em 2006 atingir 8,5 por cento. Em 2008 a taxa de crescimento baixou para 6,5 por cento. Em 2009, a previsão vai para um crescimento entre seis e oito por cento. De acordo com Covane, a crise alimentar, de combustíveis e financeiro no mundo afectou alguns programas de desenvolvimento em Moçambique. Covane disse que o país está numa situação em que alguns projectos tiveram de ser recalendrarizados, tais são os casos dos projectos da refinaria de petróleo de Nacala e o projecto da barragem de M'panda Nkua, Norte e Centro de Moçambique, respectivamente. Questionado sobre o futuro do projecto das areias pesadas de Chibuto, no Sul de Moçambique, Covane disse que "até aqui não há nada que pode nos forçar a declarar que este e outros projectos faliram". - AIM

Levem um pedaço de nós

Nas ruas da cidade de Maputo, junto aos principais hotéis e restaurantes, no Mercado Central e em alguns mercados informais, podem ser encontradas (belas) peças originais de artesanato à venda, que exprimem bem alto a cultura e o espírito africanos. Aos sábados, há uma grande afluência de pessoas na Praça 25 de Junho, onde, desde há algum tempo, se realiza a Feira de Artesanato, também conhecida por Feira do Pau. Os potenciais clientes são turistas que visitam o país com diversos propósitos, mas que não partem sem levarem uma recordação.

Texto: Xadrecke Gomes
Fotos: Sérgio Costa

No último sábado, 21, visitámos o mercado de artesanato que neste dia se estende pela Praça 25 de Junho, no coração da baixa, onde acontece a Feira do Pau. Ali são vendidos os mais diversos artigos de artesanato, na sua maioria *made in* Moçambique, havendo, entretanto, alguns originais do Zimbabwe, do Quênia, entre outros países africanos que não deixam os seus créditos em mãos alheias. Perfilam neste mercado peças de artesanato como esculturas em madeira, em osso ou em pedra, batiques, quadros de pintura a óleo, porta-jóias, quadros para fotos, missangas, colares, cestos de palha, sacolas feitas de capulanas ou de peles de animais, entre outras que roubam - pela beleza e estética - a resistência dos que por ali passam. Nenhum turista, quer na-



cional ou estrangeiro, visita aquele mosaico artesanato sem-deixar nenhuma nota em troca de uma peça que vai lhe servir de lembrança quando regressar ao seu local de origem. São turistas oriundos de diversos pontos do planeta, na sua maioria europeus, como franceses, espanhóis, alemães, italianos e portugueses. Os sul-africanos e americanos são igualmente potenciais compradores dos artigos de artesanato. A nossa Reportagem abordou, no local, alguns vendedores, tendo na sua mão reclamado a baixa rentabilidade nos últimos dias, devido à redução das visitas dos turistas. Fernando Pofu, de 40 anos que há mais de 20 anos esculpe, sendo a sua especialidade os pinguins, a perdiz, entre outras espécies de pássaros, razão por que foi apelidado de Passarinho. Pofu diz já pensar em abandonar a actividade e arranjar um emprego que lhe possa garantir a sobrevivência. "Nestes dias, há negócio quando calha. Não são todos os dias que vendemos como acontecia na altura quando o negócio estava bom. Agora o negócio está muito fraco, já não há turistas que são os nossos potenciais clientes. Acabo uma semana sem vender nada, sempre a alimentar a esperança. Pensamos que como hoje não vendemos talvez amanhã e a semana vai passando sem vender nem sequer um artigo. Estou já a pensar em abandonar esta actividade apesar de gostar muito de arte, mas não tenho outro meio. Com esta actividade, já não consigo fazer as minhas despesas correntes, em casa está mal, não há dinheiro nem nada", lamentou o nosso interlocutor. Nas semanas que se podem considerar de movimento, Pofu factura 500 a mil meticais, contra cinco mil que arrecadava nos finais da década de '90 e nos primeiros anos de 2000. Segundo apurámos no local, na altura o negócio era mais dinâmico e rentável porque, para além dos turistas, os locais de venda de peças de artesanato eram muito visitados pelas delegações estrangeiras - que vinham ao país com outros propósitos - grupos de estudantes que vinham das universidades dos países membros dos PALOP - Países de Língua Oficial Portuguesa. No mesmo local interpelámos Pepe Canu, turista espanhol, que disse ser a primeira vez que escala a feira de artesanato na Praça 25 de Junho. Pepe Canu estava desdobrado em escolher peças que serviriam de presentes para a família que reside em Madrid e pretendia comprar porta-jóias que rondam



aos duzentos meticais cada. Para ele a arte moçambicana é boa e bonita, pelo que o país possui bons artistas. Na companhia da sua esposa e da sogra, que residem nos EUA, encontrámos Marshall, de nacionalidade americana, professor da escola americana em Moçambique e treinador-adjunto de basquetebol no Desportivo de Maputo, que percorria a praça com o intuito de comprar alguns presentes para elas levarem aos Estados Unidos como lembrança de terem passado pelo solo moçambicano. Marshall já havia adquirido duas peneiras de enfeite produzidas no Zimbabwe, cujo valor de compra foi negociado até 100 meticais cada e tencionava comprar ainda peças de peixe feitas de ferro e missangas. Sobre a arte moçambicana, disse ser-lhe difícil classificá-la com exatidão devido à mistura na mesma feira com artigos produzidos noutros países, embora também africanos. @

ro nem nada", lamentou o nosso interlocutor. Nas semanas que se podem considerar de movimento, Pofu factura 500 a mil meticais, contra cinco mil que arrecadava nos finais da década de '90 e nos primeiros anos de 2000. Segundo apurámos no local, na altura o negócio era mais dinâmico e rentável porque, para além dos turistas, os locais de venda de peças de artesanato eram muito visitados pelas delegações estrangeiras - que vinham ao país com outros propósitos - grupos de estudantes que vinham das universidades dos países membros dos PALOP - Países de Língua Oficial Portuguesa. No mesmo local interpelámos Pepe Canu, turista espanhol, que disse ser a primeira vez que escala a feira de artesanato na Praça 25 de Junho. Pepe Canu estava desdobrado em escolher peças que serviriam de presentes para a família que reside em Madrid e pretendia comprar porta-jóias que rondam

aos duzentos meticais cada. Para ele a arte moçambicana é boa e bonita, pelo que o país possui bons artistas. Na companhia da sua esposa e da sogra, que residem nos EUA, encontrámos Marshall, de nacionalidade americana, professor da escola americana em Moçambique e treinador-adjunto de basquetebol no Desportivo de Maputo, que percorria a praça com o intuito de comprar alguns presentes para elas levarem aos Estados Unidos como lembrança de terem passado pelo solo moçambicano. Marshall já havia adquirido duas peneiras de enfeite produzidas no Zimbabwe, cujo valor de compra foi negociado até 100 meticais cada e tencionava comprar ainda peças de peixe feitas de ferro e missangas. Sobre a arte moçambicana, disse ser-lhe difícil classificá-la com exatidão devido à mistura na mesma feira com artigos produzidos noutros países, embora também africanos. @

Preços no consumidor

Produtos	Zimpeto	Xipamanine	Fajardo	Central	Shoprite	Vosso Super.	Hiper Maputo	Mohamed & Comp.
Tomate	25/Kg	25/Kg	25/Kg	25/Kg	50/Kg	s/info.	45/Kg	s/info.
Cebola	20/Kg	20/Kg	20/Kg	20/Kg	22/Kg	s/info.	18/Kg	s/info.
Batata	20/Kg	22/Kg	22/Kg	25/Kg	26/Kg	s/info.	22/Kg	s/info.
Ovos	38/Duzia	37/Duzia	35/Duzia	40/Duzia	48/Duzia	44/Duzia	43/Duzia	48/Duzia
Leite	35/L	35/L	35/L	35/L	40/L	45/L	43,5/L	33/L
Arroz	25/Kg	22/Kg	25/Kg	25/Kg	22/Kg	40/Kg	25/Kg	22/Kg
Açúcar	25/Kg	25/Kg	25/Kg	22/Kg	23/Kg	25/Kg	25/Kg	25/Kg
Óleo	55/L	50/L	50/L	60/L	99/L	65/L	50/L	55/L
Sabão	8/Barra	8/Barra	7,5/Barra	8/Barra	9/Barra	s/info.	s/info.	8/Barra



Oportunidades do Mundial de 2010

Depois de um grande esforço para acolher o CAN 2010, de que se não obteve o desejado resultado, o empenho do Executivo moçambicano direccionou-se para novos planos de adequação infra-estrutural do país para grandes eventos internacionais. Foi assim que, na capitalização desta perspectiva, surgiu a Aliança 2010, cujo ponto fulcral é tirar melhor proveito das oportunidades que o Mundial da África do Sul pode representar. Em curso já estão investimentos de vulto e um gabinete técnico coordena as actividades que deverão envolver todos os sectores ligados à economia nacional. À busca de investimentos.

Texto: **Filipe Ribas**
Foto: **NT**

Mas para que estes investidores se interessem pelo país, é necessário que cá estejam. Para isso serve o turismo, a cujo titular da pasta, cumulativamente com o pelouro dos Desportos, cabe a tarefa de fazer com que Mocambique seja um porto de acolhimento. Há dois tipos de turismo em Moçambique. O turismo da referência internacional, da fama e do nome, da esperança e do futuro. O destas paisagens sem igual. E temos o turismo possível. Neste ainda podemos considerar o de qualidade, que vai sendo meio caminho andado para o projecto do ministro Sumbane em relação ao desenvolvimento do sector rumo aos melhores padrões, e aquele outro turismo que precisa de ser dimensionado em função das capacidades

reais dos moçambicanos.

O propósito desta leitura prende-se, exactamente, com o 2010, ano em que a vizinha África do Sul vai acolher o Campeonato Mundial de Futebol, facto que, por arrasto lógico, põe o nosso país na rota dos destinos turísticos da ocasião. Oportunamente, falou-se em capitalizar este acontecimento em benefício da nossa indústria turística e ficou a sensação de que se haviam de erguer grandes obras, assim como criar sistemas mais conformados à situação em termos de vias de acesso, meios de transporte e serviços afins. A Aliança 2010 representa isso, mas parece ir um pouco atrasada.

Para esclarecer, pois, esta situação do turismo moçambicano e suas projecções relativamente ao Campeonato do Mundo, contactámos o ministro Sumbane, que for-

neceu o seguinte quadro :

“O pacote de incentivos recentemente aprovado pelo Conselho de Ministros para o sector permite visualizar níveis de investimento que permitem duplicar a capacidade de alojamento dos países. O único senão é que não pode capitalizar este conjunto de oportunidades tendo em vista o Mundial de 2010. Para este acontecimento estamos atrasados”.

De acordo com Sumbane, este pacote não foi desenhado em função do “Mundial”, mas sim dentro do Plano Quinquenal do Governo e os seus efeitos vão começar a ter incidência em 2009. Quanto à expectativa em relação a 2010, o titular do Turismo esclarece que “em Moçambique, os operadores turísticos são privados e agem de acordo com as leituras possíveis das vantagens a extrair nos



investimentos que fazem. Portanto, o investimento a fazer é de acordo com o cálculo das probabilidades de retorno e de lucro que cada oportunidade oferece. Neste momento, estamos com uma grande desvantagem, porque a nossa ligação com a Europa e o resto do mundo é incipiente. A nossa companhia aérea não nos liga fácil e permanentemente à Europa”.

“Quanto à possibilidade de alojar alguma selecção ou selecções, a única estância turística em condições é o Índy Village, que possui infra-estruturas apropriadas

para alojar profissionais do desporto, pois para além de ginásios à altura, possui um campo ideal para treinos. Já começámos a fazer a promoção destes apetrechos, junto de selecções que possam tirar proveito, nomeadamente portugueses e brasileiros”.

E as agências de viagens?

Nada melhor do que alguns exemplos para ilustrar esta afirmação, que a muitos pode surpreender. Fomos à Intersol, agência de viagens e turismo, da Ahmed Sekou Touré, solicitar um pacote para a Ponta do Ouro e outro para o Bilene. Que a se-

nhora estivesse a jogar cartas no computador e demorasse a atender, enquadrámos isso perfeitamente no compromisso de não deixar o desafio importante a meio. O único problema é que esta especialista não conhecia os tarifários do Bilene, nem as casas que poderiam oferecer acolhimento a um turista. Da Ponta do Ouro não tinha qualquer informação. Prometeu enviar-nos por correio electrónico. Vão dois meses e, provavelmente, nem se lembre de nada.

Na Lusoglobo, para onde nos dirigimos com a absoluta certeza de encontrar



Considera o Time Sharing uma opção real para fazer turismo no nosso belo país?

Cartas, SMS e Emails para o
Editor d' @Verdade
Av. Martíres da Machava n° 905 Maputo



8415152 ou 821115
averdademz@gmail.com

um serviço impecável, pelo conhecimento que tínhamos de quem fora o seu fundador, a decepção foi mais espectacular. Pedimos Vilanculos e Ponta do Ouro com datas marcadas. Solicito, o jovem disse que não possuía tal pacote, mas facilmente poderiam satisfazer a encomenda. Como regra, deixámos o contacto telefónico e o tradicional endereço electrónico. Creio que já nem se lembra da cara de quem solicitou tais serviços.

Na Moçambique Adviser, agência de viagens que opera já vai algum tempo e de que nos servimos quando era bem mais pequena e em diminutas instalações, solicitámos Vilanculos para daí a três dias. O jovem prometeu enviar a informação até às 12 horas. Cinco dias depois de voltarmos de Vilanculos, ainda não tínhamos a resposta ao nosso pedido. Por hábito de querermos ser bem servidos e por acreditar no nome desta agência, lá voltámos, desta vez para solicitar Bazaruto. A nota dominante desta vez foi a ignorância sobre as reais condições que se oferecem. A senhora não tinha a informação correcta sobre os custos deste pacote, nem cortesia suficiente para atender quem não fosse estrangeiro e, ainda por cima, com cores menos claras. Para reserva a médio prazo, esta agência não tem preços, pois tem de obtê-los na devida altura.

Na Simara, agência com melhores referências, a situação foi eloquente e concludente. Só tem uma pessoa para tratar deste assunto de pacotes. Em três ocasiões aleatórias, não estava no posto porque tem muitas outras tarefas. Para bom entendedor, meia palavra basta. No entanto, deve ficar claro que as agências de viagens que aqui não foram mencionadas é mais por serem de inferior qualidade e nível do que as que receberam a nossa crítica. Das outras temos referências menos abonatórias ainda.

Para ter acesso a todas estas reservas e desfrutá-las com sucesso e ainda poder fazer outras para o Natal e princípios de Janeiro, recorri a duas agências sul-africanas de viagens, que possuem preços de Moçambique até Dezembro de 2009. Portanto, para que eu moçambicano faça um turismo de qualidade no meu país, tenho de fazer as reservas e os respectivos pagamentos na África do Sul, via internet. @



Alternativas de outra dimensão

Especialistas da área falam hoje de um novo tipo de férias ou turismo mais barato, no que parece ser um atractivo a não desprezar. Provavelmente não possa ser tão pela exacta razão do preço, mas pela razoabilidade com que, aos poucos, um determinado encargo entra suavemente no bolso para se sustentar. Sem muita dor de caixa. Estamos a falar do Timeshare, já aqui abordado de forma sequencial. Rui Monteiro, consultor para a área do Turismo esclarece que "nunca antes houve oportunidade de dar a uma classe trabalhadora a possibilidade de esta poder ser proprietária de uma ou duas semanas de férias e ir para um local, por excelência destino turístico, onde possa desfrutar de turismo de qualidade, com todos os benefícios de estar num hotel de, pelo menos, três estrelas, por um valor que, se dividido ao longo dos anos, irá com certeza beneficiar os proprietários. Com o advento de Timeshare, ou direito compartilhado, os valores para a compra de uma fracção de direito compartilhado, ou timeshare, são de facto muito mais atraentes do que considerar passar férias num hotel de três estrelas, durante um período equivalente, aliás como se poderá depreender por uma resposta mais abaixo".

@verdade- Hoje, em Moçambique, é possível ter férias ou fazer turismo de qualidade a cem dólares por dia. Que valores pode oferecer o Timeshare?

Rui Monteiro - Os valores de time-sharing, em média, têm três níveis que são época baixa, média e alta. Estes valores obviamente dependem da localização do empreendimento, os serviços que o empreendimento oferece, a qualidade da gestão, a qualidade dos serviços oferecidos, a classificação do empreendimento, etc. Considerando que a média de uma fracção de time-sharing consiste num apartamento de dois quartos e uma sala comum, onde podem dormir, no máximo, seis pessoas, e considerando que o valores de venda são válidos por um período de 50 anos (de acordo com o Direito de Uso e Aproveitamento de Terra) então estamos perante um valor anual quase irrisório. Supondo que uma fracção custa 288.000 Meticais, este valor traduz-se num gasto anual, note-se para passar férias de 7 dias num hotel de pelo menos três estrelas, de 5,760 Meticais. Ora bem, comparando com os 100

dólares diários para passar um dia, este valor tem uma diferença brutal em comparação, resultando apenas em 822 meticais ao dia (equivalente a 32,88 dólares/dia). Note-se que os 100 dólares diários servem para um máximo de duas pessoas, ao passo que os 32,88 diários do Timeshare servem para o máximo de 6 pessoas!

@ verdade - Não seria o caso para dizer que este sistema é, efectivamente, lucrativo, portanto bom investimento, e vai ao encontro de uma classe de turistas que está a surgir no mercado? A pergunta vai porque, tanto quanto os números nos dizem, Moçambique ainda não é exactamente um destino turístico de eleição.

Rui Monteiro -A classe de turistas sempre existiu, o que não existia realmente eram as condições para que esta classe pudesse usufruir de um bem que não estava anteriormente ao alcance da mesma. Por outras palavras, com a nova legislação, haverá mais hipóteses de oferecer variados tipos de alojamento a um preço mais acessível para uma classe cada vez mais emergente

em Moçambique, sem ter de recorrer ao estrangeiro para usufruir dos recursos que, na realidade, até são melhores aqui, como as nossas praias, por exemplo.

@verdade-Voltando ao moçambicano, e supondo que estamos perante o da classe média-alta, quanto precisaria de gastar nessa operação em dois ou três anos, que fosse menos do que construir um rondável numa dessas praias?

Rui Monteiro -Não se pode

olhar pelo simples prisma de ter um simples rondável numa destas praias. Tem de se considerar que o rondável exige manutenção, água, electricidade, guarda, e um rol de despesas e cuidados permanentes que com o time-sharing não há, para além de que, estando o empreendimento registado com uma empresa de intercâmbios, tal como a RCI, que permite que se possa trocar a semana, comprada no respectivo empreendimento, por uma outra em qualquer

parte do mundo. A grande vantagem sobre a casa de campo ou de veraneio é a de que o sistema permite que se troque o período na sua propriedade por uma temporada em qualquer outro lugar do mundo e isto, por um preço mínimo, tal como mencionado anteriormente, o preço médio de uma fracção /semana é de 250.000 Meticais, equivalente, portanto, a um custo inferior, a médio prazo, àquele de um rondável. @



“Moçambique Destino Fascinante”

Projectar a imagem de Moçambique além fronteiras tem sido o permanente objectivo do sector de Turismo, por virtude da capitalização do quanto aqui se pode desfrutar. Só que desta feita essa responsabilidade se tornou acrescida, porque o Turismo vai assumir a tarefa de levar todo o país, na sua dimensão territorial, ao conhecimento do mundo. Eis, pois, Moçambique, “Destino Fascinante”, a marca que o Ministério do Turismo lança.



De acordo com o Ministro do Turismo, Fernando Sumbana, em declarações @ verdade, a marca ora apresentada constitui valioso instrumento para apresentar as características do país num vector comercial. Não na vertente do tradicional

marketing, mas num sentido mais profundo em que se dão a conhecer os aspectos fundamentais em que assenta este edifício Moçambique. Quer isto dizer que o país deve poder ser visto com todas as suas potencialidades e vantagens comparativas

que oferece a quem venha de fora.

Nesta dimensão em que o país se passa a expor por esta marca, até os distritos encontram um enquadramento indispensável, quanto mais não seja porque no plano infraestrutural estes

espaços territoriais já oferecem condições como destinos cómodos e seguros, à escala do essencial. Para além destas condições de acessos e acomodação, quase todos os distritos moçambicanos se ligam ao mundo pela telefonia móvel.

Portanto, nesta perspectiva de marca, segundo ainda o Ministro Sumbana, o país foi todo visitado, efectuado um levantamento das reais condições de cada local, avaliadas as potencialidades e as oportunidades de investimento que podem ser exaltadas, de acordo com as necessidades e planos de desenvolvimento específicos.

Ainda no contexto da marca “Destino Fascinante”, o Ministério do Turismo orienta a implementação de um protocolo de medidas com as quais se entende poder dar nova dinâmica ao bom acolhimento que os moçambicanos sempre dispensaram a visitantes estrangeiros.

Concretamente, acrescenta Sumbana, “ vamos começar pelo ponto de entrada, fazendo com que os serviços de migração prestem um trabalho de excelência, espelho da simpatia do país. Que as Forças da Lei e Ordem transmitam a qualquer cidadão estrangeiro a sensação

de segurança e confiança e obter ajuda de que possa carer. Este processo implica até uma padronização das formas mais correctas de lidar com as pessoas, por parte dos funcionários destes sectores.”

“A importância deste nosso projecto é que ele vai para lá de um teatro de quem quer parecer bem. Queremos, efectivamente, inculcar ou reinculcar nas pessoas o habito das boas maneiras, se dirigirem ao consumidor potencial ou de facto de um modo que se sinta realmente bem. Este acolhimento, já apanágio do moçambicano, só por si, permite que lacunas decorrentes de algum atraso no desenvolvimento sejam facilmente ignoradas por quem aqui vem”

Deste modo, a sensibilização sobre as boas maneiras esta a decorrer a nível nacional. Com efeito, o lançamento da marca “Moçambique Destino Fascinante” não é exactamente o início de uma caminhada de projecção, mas um momento em que um conjunto de acções esta em convergência. A maturação de algo que tem vindo a ganhar corpo ao longo deste exercício e que culmina com o momento em que o Turismo se torna veiculo para

transportar o país ao mundo.

“De facto, podemos verificar que todas as construções que tem sido feitas para a exaltação do País, de frases como pérola do Indico, belo Moçambique e muitas outras sobre os encantos das gentes, paisagens, fauna flora, acabam em “ Destino Fascinante”, salientou Sumbana.

A própria gala do lançamento da marca foi este fascínio temático, de uma decoração a pais natural, as danças, os textos, o simbólico búzio que nos reconduz às nossas origens aquáticas, esta fauna que nos evoca a evolução das espécies, nesta flora que é riqueza de arregalar os olhos e justificar o permanecer sempre aqui neste “Destino Fascinante”.

A partir do mes de Abril, a Republica Federal da Alemanha abre as portas da Europa à nossa marca, no que lhe vá seguir a Grã-bretanha e outros. E a cimeira de Turismo aqui em Maputo é oportunidade impar que os investidores da área de Turismo tem para ver e mostrar ao mundo que, apesar da crise mundial ou, talvez também, com esta crise, “Moçambique é um Destino Fascinante”.





Lançada a nova marca Moçambique em colaboração com a Corporate Council of Africa

“Um produto é algo desenvolvido numa fábrica; uma marca é algo que é comprada pelo cliente. Um produto pode ser copiado pela concorrência; uma marca é única. Um produto pode ficar rapidamente fora de prazo; uma marca de sucesso é eterna.” Stephen King, WPP Group, Londres.

construída. Deste modo, os produtos tornaram-se narrativos. A competição global não se faz tanto ao nível do preço mas sobretudo ao nível das narrativas e da identidade.

Em colaboração com a Corporate Council of Africa,

estamos a auxiliar Moçambique a contar a sua história e a oferecer ao mundo coordenadas que o coloquem no mapa.

A ‘Summit Communications’ é uma agência de comunicação especializada na promoção de imagens de marca dos

países, possuindo um acordo de parceria exclusivo com o ‘The New York Times’. O ‘The New York Times’ possui uma enorme capacidade de influência tendo ainda os leitores mais influentes do mundo.

A ‘Summit Communications’



reportou que Moçambique deve criar uma nova maneira de se olhar para o país, a qual necessita de envolver todos os empresários e agentes económicos a fim de se trabalhar

na identificação de uma imagem facilmente consumível. “Brevemente, o nosso trabalho é ajudar a criar um novo contexto para que Moçambique seja visto pelo mundo.”

Quando pensamos em algum país automaticamente associamos-lhe uma imagem, um comportamento ou um modo de pensar específico. Quando se pensa na Finlândia, não se pensa somente em bonitas montanhas cobertas de neve mas sobretudo num moderno centro de tecnologia de telefones móveis.

Imagens de marca são essenciais a todos os países como modo de os diferenciar dos seus competidores fazendo com que determinado país atraia turistas e investidores. O mundo altera-se cada vez mais rapidamente e a globalização é muitas vezes vista simplesmente como uma quantitativa expansão dos mercados, onde cada vez mais economias se tornam parte do mercado global. Mas a expressão qualitativa do mercado, sob o efeito da globalização, é tão ou mais importante. Gradualmente, identidade e nacionalidade tornaram-se um fenómeno de mercado. Hoje, de uma maneira qualquer, mundo, cultura, economia, negócios, desportos, turismo, educação e identidade nacional estão inter-ligados.

Empresas e produtos tornaram-se marcas de certos países com as quais os consumidores os relacionam e os identificam como ícones desses países. Nesse aspecto, as firmas e os bens moçambicanos desempenham um papel muito importante na construção dessa identidade, tanto a nível do indivíduo como da nação.

Como parte da globalização, os produtos constituem um ponto de encontro na troca de experiências culturais a nível internacional. Não é só a nossa identidade que é criada através das marcas, mas também através delas podemos reconhecer outras culturas. Por exemplo, se se comprar uma moto BMW, compra-se com a ideia de que se está a comprar algo com uma elevada performance e inovação a nível de motor. Isto quer dizer que a empresa, o bem e a marca têm um significado e uma imagem

Crédito de 1.000.000
antes 23,06%
Agora 17,30%

Crédito de 2.500.000
antes 21,11%
Agora 17,30%

exemplo para 24 meses; 150% cobertura garantias; 1% comissão

A aprovação e juro final depende sempre de uma avaliação ao seu negócio

Baixámos a Taxa Anual Efectiva no nosso Crédito PME

Pense grande, comece pequeno e cresça rápido com o nosso Crédito PME.

Para mais informações dirija-se a qualquer agência Socremo ou Ligue já 82 933
www.socremo.com



@Saúde e Bem-Estar | 90

novos médicos deverão ingressar, este ano, no Sistema Nacional de Saúde. Este número junta-se aos cerca de oitocentos médicos já em serviço. Mesmo assim, segundo o Ministro da Saúde, Ivo Garrido, o país continua longe de satisfazer as suas necessidades a este respeito.

Novo antimalárico com maior eficácia

Um novo medicamento antimalárico adaptado às crianças foi lançado, no passado dia 19, em Maputo, numa iniciativa desenhada com o objectivo de aumentar a eficácia no tratamento da doença e reduzir as mortes em crianças africanas com menos de cinco anos, actualmente estimadas em 700 mil por ano.

Texto: Redacção
www.verdade.co.mz

Coartem Dispersível, a nova droga, em forma de comprimidos, é a primeira no mundo desenvolvida num modelo de parceria público-privado, com o envolvimento de instituições africanas de pesquisa, incluindo o Centro de Investigação de Saúde da Manhica (CISM). O Coartem Dispersível é uma combinação de medicamentos que incluem um derivado de artemisinina, tendo sido desenvolvido conjuntamente pela Novartis Pharma e pela Medicines for Malaria Venture (MMV), ambas da Suíça, a partir da versão Coartem, que vem sendo usada no tratamento da malária em vários países africanos desde 2001. No entanto, e segundo dados divulgados no acto de lançamento, devido ao seu sabor amargo,

muitas crianças acabavam abandonando o tratamento antes de receber as doses completas e efectivas, facto que reduzia a eficácia do medicamento na redução dos casos de malária no continente.

Foi para contornar esta situação que se desenvolveu a nova versão dispersível daquele medicamento, com sabor adocicado, facilmente aceite pelas crianças e que, segundo estudos conduzidos por diversas instituições de pesquisa, apresenta uma taxa de efectividade de cura na ordem dos 97,8 por cento. Por outro lado, segundo dados afluídos na ocasião, o Coartem Dispersível foi desenvolvido tendo em conta a necessidade de assegurar a redução e/ou eliminação do risco de resistência, e facilitar a sua administração em bebés e crianças. O medicamento está a ser distribuído pelos produtores ao preço

de 0,37 dólares, mas, devido ao subsídio até aqui concedido pelo Fundo Global, o mesmo chega gratuitamente aos doentes atendidos a nível do serviço público de Saúde.

Durante a cerimónia de lançamento do novo fármaco, foram feitas apresentações por um painel constituído pelo antigo primeiro-ministro moçambicano e presidente da Fundação Manhica, Pascoal Mocumbi, e pelos vice-presidentes da Novartis e da MMV, nomeadamente Sílvio Gabriel e George Jagoe.

Na sua dissertação, Pascoal Mocumbi recordou que, em 2000, os chefes de Estado e de Governo africanos, reunidos em Abuja, na Nigéria, manifestaram a sua apreensão devido à morte de crianças vítimas da malária, tendo decidido fazer um apelo, primeiro a si próprios, como líderes de nações, e, depois,



à comunidade internacional, através da qual manifestaram o desejo de que, no mais curto espaço de tempo, o continente dispusesse de condições para que os doentes de malária tivessem garantia de tratamento ainda no decurso das primeiras 24 horas após a infecção. Em 2004 começaram a surgir os primeiros resultados

do trabalho iniciado com o apelo dos chefes de Estado. O Coartem Dispersível é o primeiro medicamento de alta qualidade concebido para África, esperando-se, por isso, que venha a produzir um grande impacto na saúde pública, disse Mocumbi, que corrobora a convicção segundo a qual esta geração pode vencer a malária

e até definir um prazo para a sua erradicação total. Além de Maputo, cerimónias de lançamento do novo medicamento em África realizaram-se também nas cidades de Dakar, no Senegal e Dar-es-Salaam, na Tanzânia. No entanto, a sua utilização foi aprovada em outros 17 países africanos. @

Medicina vs Tecnologia

No processo contemporâneo de Parcerias Inteligentes merece destaque as recentes inovações tecnológicas levadas a cabo pela DOMETIC, no âmbito de melhoria das medidas de segurança na manipulação de produtos médicos, farmacêuticos e laboratoriais.

- A inovação em equipamentos para o processamento, conservação e transporte de sangue, plasma e outros produtos;
- A inovação em equipamentos para conservação e transporte de vacinas e outros produtos farmacêuticos essenciais para acções ou

programas de imunização e consequente prevenção adequada de doenças;

- Ao incluir na sua linha de equipamentos, incubadoras e laboratórios para microbiologia, com sofisticados dispositivos de segurança em relação a intromissão de elementos estranhos, para manuseamento de microorganismos, bactérias e outros elementos de análises e estudos, confere a DOMETIC, o estatuto privilegiado de Parceiro a organismos tais como OMS (organização mundial da saúde), hospitais centrais, hospitais gerais, hospitais rurais, centros de saúde, postos de saúde, laboratórios, centros de investigação médica.
- A aplicação de sistemas e programas informáticos para a gestão do tempo, temperaturas, ambiente e segurança nos equipamentos, conferiu maiores confiança e segurança às operações executadas pelos equipamentos da gama DOMETIC.



Pub.

Refrigeradores, Congeladores e o mais variado equipamento de frio para medicina
Refrigerators, Freezers and the most variety of cold equipment for medicine

Somos representantes da marca DOMETIC (Electrolux) em Moçambique e vendemos todo o tipo de equipamento de frio para medicina, garantindo assistência pós-venda.
 We are the proud representatives of DOMETIC in Mozambique and we sell all kind of cold equipment for medicine, ensuring after-sale care.

Representante Oficial:



Domestic (Electrolux)

■ **Refrigeradores de Absorção e Congeladores Cold Chain**
 O equipamento de absorção, da gama Cold Chain, compreende um conjunto de refrigeradores, perfeitamente adaptáveis e aptos a operar com energia alternativa: gás, petróleo e energia solar. Tendo sido desenhados e produzidos para funcionar igualmente nas zonas rurais.

■ **Absorptions Refrigerators and freezers cold chain range**
 The absorption equipment from the Cold Chain range of products comprising refrigerators, perfectly adapted to work at the different conditions of health centres, using alternative energy: gas, petroleum or sunlight energy. It was produced to work as well in rural areas.





Aprovado pela OMS
Certify by WHO

Actuais instalações: Av. Josina Machel, 778
 Futuras instalações: Av. 25 de Setembro, 2009 • Tel.: +258 21 408988
 Fax: +258 21 408558 • Cel: 82 3088090 • E-mail: afritool@emilmoz.com
 afritool@tvco.co.mz • website: www.afritool.com

Jogo viciado na exploração florestal

O Movimento Amigos da Floresta mostra-se preocupado com o nível de infracções registado na exploração de espécies florestais cujo processamento é proibido, passando pelo corte, contra as regras de sustentabilidade, a exploração sem as devidas autorizações e o corte em áreas de conservação.

Texto: Xadreqe Gomes
Foto: Sérgio Costa

No seu balanço da situação florestal em 2008, aquele movimento que luta pela justiça ambiental, apontou os últimos dias de Dezembro do ano passado e os primeiros de Janeiro do corrente ano, como o período que revelou gritantes casos de corte para além das quotas, bem como de exportação ilegal da madeira, na sua maioria despachada para fora do país a partir dos portos de Quelimane, Nacala, Pemba e Mocimboa da Praia, em situações que indicam fortes indícios de corrupção e outras práticas criminosas por parte de alguns operadores nacionais e estrangeiros, em conluio com funcionários desonestos dos diversos serviços públicos competentes ao nível das províncias.

Na Reserva do Niassa e no Parque Nacional do Arquipélago das Quirimbas, alguns operadores chegaram até ao cúmulo de construir pontes e estradas para fazer transitar a sua madeira de modo a evitar as brigadas de fiscalização dos serviços de florestas e fauna bravia.

A fraca capacidade de fiscalização é o factor muitas vezes apontado pelo Movimento Amigos da Floresta como sendo o móbil da desgovernança das florestas ao ponto de serem saqueadas de forma abusiva pelos operadores florestais, na sua maioria estrangeiros.

A questão é de extrema importância para se garantir uma gestão sustentável dos recursos florestais, a qual padece da exiguidade dos recursos humanos e materiais.

“Senão vejamos, não é possível continuar a trabalhar nas actuais condições: pouco mais de 300 fiscais, mal preparados e equipados, totalmente desmotivados, muitos doentes e em idade de reforma, para uma área



florestal como a que tem Moçambique. Urge que se faça uma reforma profunda no sistema de fiscalização, dado que este está bem longe de dominar a realidade na floresta, limitando-se a realizar um frágil e permeável controlo nas principais vias de comunicação e portos”, referem os Amigos da Floresta, ajuntando que “para a Direcção Nacional de Terras e Florestas (DNTEF) atender e superar a lista interminável de dificuldades é preciso que haja um maior investimento por parte do Estado na solução de algumas das questões mais urgentes e/ou complexas, bem como um maior envolvimento de todos os parceiros no apoio às autoridades na melhoria do processo de implementação da legislação de florestas e fauna bravia, que se mostra profundamente desajustada das necessidades da conservação da floresta, principalmente no que toca ao sistema de infracções e penalidades”.

No documento balanço que temos vindo a citar, o Movimento denuncia o envolvimento claro e forte de alguns funcionários provinciais nas ilegalidades, entre as quais o licenciamento, para além do Corte Anual Admissível por

província e pela venda de licenças simples, fazendo com que os números destas se mantenham elevados, quando a directriz do Ministério de Agricultura (MINAG) assenta na sua redução gradual em benefício das concessões florestais.

Multas e apreensões

Por outro lado, uma vez aplicadas as multas aos prevaricadores ao abrigo da legislação de florestas e fauna bravia, estas não são, muitas vezes, pagas e a madeira apreendida é depois vendida em hasta pública aos mesmos infractores, indiciando, tal prática, um jogo altamente viciado.

Associado a isto, o relatório diz que não entende porque é que os eternos violadores da lei continuam no activo, apesar de serem reincidentes, infringirem a lei várias vezes ao ano, nada os impedindo de continuarem a exercer a sua actividade, “mesmo quando sabemos que não possuem, de modo algum, o perfil desejável de operador florestal. Claro que este cenário desponta desconfianças sobre o grau de impunidade dos referidos infractores, que poderão gozar da protecção de um

padrinho dotado de costas quentes. Já não há a menor dúvida de que o sector das madeiras é localmente controlado por verdadeiras máfias ou redes de crime organizado, altamente poderosas e perigosas”, sublinha o Movimento no documento balanço anual.

O ano de 2008 foi também triste por causa do velho problema das queimadas descontroladas. Quando tudo levava a crer que as campanhas de prevenção levadas a cabo nos últimos tempos estavam a surtir efeito, algumas horas de vento deitaram todos os esforços por água abaixo, com resultados trágicos traduzidos na perda de vida de várias dezenas de cidadãos, na destruição de largas centenas de lares, bem como no arrasamento de vastas extensões de machambas.

Também não foi em 2008 que se tomaram medidas verdadeiramente efectivas em relação à criação de alternativas sólidas e sustentáveis no tocante ao uso e abuso do carvão florestal, que tem vindo a dizimar florestas inteiras, mas de cuja actividade dependem milhares de famílias moçambicanas, constituindo a sua principal fonte energética. @

O mundo precisará de ‘duas Terras’

A demanda actual por recursos naturais ultrapassa em quase um terço o que o planeta tem condições de fornecer e, se continuar assim, em cerca de 30 anos o mundo precisará de duas Terras para que seja mantido o estilo de vida dos seus habitantes.

Texto: Redacção
www.verdade.co.mz

Essa é a conclusão da organização WWF no relatório Planeta Vivo 2008, preparado em conjunto com a Zoological Society, de Londres, e o Global Footprint Network.

De acordo com o documento, o actual nível de consumo coloca em risco a futura prosperidade do planeta com impacto no custo de alimentos, água e energia.

“Se a nossa demanda por recursos do planeta continuar a aumentar no mesmo ritmo, até meados dos próximos 30 anos (década entre 2030 e 2040), nós precisaremos do equivalente a dois planetas para manter o nosso estilo de vida”, disse o director da WWF International, James Leape.

Os ambientalistas afirmam que o planeta está em direcção a uma “crise de crédito ecológica”.

“Os eventos dos últimos meses têm servido para mostrar que é uma tolice extrema viver além dos nossos meios”, disse o presidente internacional da WWF, Emeka Anyaoku.

“A crise financeira global tem sido devastadora, mas não é nada comparado com a recessão ecológica que estamos a enfrentar”, afirmou.

Segundo Anyaoku, as perdas de cerca de US\$ 2,8 triliões sofridas pelas instituições financeiras com a crise - segundo estimativa recente do Banco da Inglaterra - são pequenas perto do equivalente a cerca de US\$ 4,5 triliões em recursos destruídos a cada ano.

‘Devedores ecológicos’

O documento afirma que mais de três quartos da população do mundo vivem em países onde os níveis de consumo ultrapassam as condições de renovação

ambiental.

Isso faz com que eles sejam “devedores ecológicos”, o que significa que estão a usar recursos agrícolas, florestais e marítimos que possuem e ainda os de outros países para sustentá-los.

Os países com o maior impacto no planeta são os Estados Unidos e a China, que, juntos, representam cerca de 40% da Pegada Ecológica do mundo - que mede a quantidade de terra e água necessária para fornecer os recursos utilizados e absorver os resíduos deixados.

Já outros países, como o Brasil, são “países credores ecológicos”, já que “ainda possuem mais recursos ecológicos do que consomem”, e “exportam” a sua biocapacidade para os devedores.

O relatório, divulgado bianualmente, traz dois indicadores da saúde da Terra. Um deles é o Índice Planeta Vivo, que reflecte o estado dos ecossistemas do planeta.

Baseado nas populações mundiais de 1.686 espécies de vertebrados, como peixes, aves, répteis e mamíferos, esse indicador apresentou uma redução de quase 30% em apenas 35 anos.

O outro índice medido no relatório Planeta Vivo é a Pegada Ecológica, que evidencia a extensão e o tipo de demanda humana por recursos naturais e sua pressão sobre os ecossistemas. A média individual mundial é de 2,7 hectares globais por ano.

O índice recomendado no relatório para que a biocapacidade do planeta seja suficiente para garantir uma vida sustentável seria de 2,1 hectares por ano por pessoa. No entanto, a média brasileira por pessoa já supera este patamar e está actualmente em 2,4 hectares por ano. @

é a data de arranque do Moçambola 2009. A primeira jornada será composta pelos seguintes jogos: Chingale x Maxaquene, Ferroviário de Maputo x Ferroviário de Nampula, Costa do Sol x Textáfrica, Ferroviário da Beira x Matchedje, Liga Muçulmana x HCB do Songo, Ferroviário de Nacala x Atlético Muçulmano e Desportivo x FC Lichinga

Mundial, turismo e... nós!

Para lá do prazer a janela para um sonho

- Com a relva sintética a colocar “fora-de-jogo” dois recintos, que argumentos nos restam?

O “néon” estará no próximo ano virado para o Mundial da África do Sul e só se estivermos muito desatentos é que não tiraremos proveito desse grande acontecimento, de forma que a nossa economia dê um salto em frente. Blatter, o presidente da FIFA, no ano passado em visita à RAS, afirmou que não sentiu o clamor dos batucques de África, o pulsar intenso de um continente vibrante, o “cheiro” do Mundial! Entre nós, alguns passos tímidos estão a ser dados. Institucionalmente, com a criação do Gabinete 2010. As gentes e os agentes do desporto deixam tudo para o fim e serão, como vem sendo hábito, apanhados em contra-pé. Será que não vamos aproveitar esta ímpar ocasião que não se repetirá, nem no próximo centenário?

Texto: **Renato Caldeira**
 Foto: **Sérgio Costa**

A bola, redondinha e rechonchudinha, já vêm exacerbando paixões por todo o Mundo nas fases eliminatórias. À medida que a “peneira” vai sendo feita, de forma a encontrarem-se os finalistas que irão disputar a Copa do Mundo, mais apetecida vai ficando a competição planetária. Da boca para fora, imaginamos nós, moçambicanos, que das selecções apuradas, algumas irão contactar o nosso país e, com um pouco de solidariedade à mistura, requisitar os nossos serviços para estágios e jogos. Mas as coisas serão de forma tão simplista? É que a ser assim, a competição, ao mais alto nível, estaria reduzida a uns belos passeios pelo Bilene, uns camarões na Costa do Sol e treinos na Academia Mário Esteves Coluna.

O que está longe de ser real. As vitórias preparam-se

Aquilo que para nós, de algo que era muito grato já não passa de mero “slogan”, é um assunto de Estado para quem vive e leva ao extremo a disputa da modalidade mais popular do planeta: o futebol. No desporto de alto rendimento, tudo se programa ao pormenor, as regras e as metas estão bem definidas. E quando olhamos para as probabilidades de a nossa capital acolher, Eventualmente, uma ou mais selecções para estágio, não imaginamos o “jogo de cintura” que elas teriam de fazer, “só para nos agradar”.Desde logo, os novos relvados da Machava e Costa do Sol, ficam absolutamente “fora-de-jogo”, pelo facto de o piso ser sintético e, como tal, susceptível de criar lesões aos jogadores.A opção relva sintética, que coloca fora das

rotas internacionais dois dos melhores recintos do país, terá sido um “presente envenenado”, cujos inconvenientes já começamos a sentir. Mais sinais nos vão chegando. Inclusive através da resistência por parte dos clubes em ceder os nossos internacionais que actuam fora de portas. Dos restantes recintos – Maxaquene, Mahotas, Desportivo, a semi-abandonada, Academia Mário Coluna e a Olimpáfrica de que poucos se lembram – nem sequer “reza a história”. Uma rápida visita deixa a nu as suas fragilidades.Resta o novo Estádio Nacional, que está a ser edificado no Zimpeto. Tudo indica que reunirá condições para jogos e treinos. Mas está-se a falar do campo, como recinto desportivo. E o resto?Acessibilidades, condições de segurança, sossego, e outros factores...Estarão de acordo com as exigências àquele nível?



Campo do Costa do Sol

PRAIAS NÃO SÃO TUDO

A bola, primeiramente, é disputada pelas grandes marcas, que pretendem conferir inovações nos padrões, nas cores, nas aerodinâmicas. Depois, entram em cena outros intervenientes, directos e indirectos. A aposta nos sul-africanos, impossível sob o regime do “apartheid”, apresenta-se como um triunfo do continente, em primeiro lugar, e da África Sub-sahariana, em seguida. Há que tirar rendimentos máximos da boa vizinhança com a República da África do Sul. Em todos os capítulos. E porquê? A “montra” do Mundo em 2010, será a África Austral. Teremos uma rara oportunidade de “expor” os nossos produtos. E para a “montra”, só deve ir o que temos de

bom. Há que controlar tudo o que há de nocivo, das drogas à criminalidade, do suborno à falta de cortesia. Para uma moldura de gente que paga, mas exige. Da segurança à tranquilidade. Da culinária, ao artesanato. Da boa música à hospitalidade..As condições naturais, felizmente, são um atractivo com que a natureza nos brindou e que nos confere vantagens em relação à maioria dos nossos vizinhos, pela longa costa marítima que possuímos. São praias das melhores do Mundo. Mas isso, sendo importante, não é tudo. O Turismo, uma das indústrias que mais rendimento gera, não pode e nem deve ficar ao sabor do improvisado. A todos os níveis. Para o início da maior prova

planetária, já se contam dias. A “invasão” à nossa zona será algo nunca visto. Por cá, ainda não soaram as batucadas que anunciam que vamos transformar o Mundial numa festa também nossa. Mas nunca é tarde para acertarmos o passo com uma competição que virá a ser, para além de um grande prazer, uma extraordinária fonte de rendimento.



Que a bola nos traga finalistas com afinidades

Mais do que ver bom futebol, o adepto que se desloca com a sua equipa – neste caso selecção – está mais preocupado com os golos que conferem vitórias, do que com a forma como eles são obtidos. O fanatismo comanda as claques. Os excursionistas gastam rios de dinheiro em busca da satisfação e não se sentem diminuídos se os pontos forem conquistados com a ajuda do árbitro, da “mão de Deus”, ou precedidos de faltas. Por isso, quando a “sua” selecção é eliminada, em regra nada mais o prende à competição. Nem mesmo o bilhete com-

prado. Daí que haja um ponto assente nos Mundiais, de que esta prova sem o Brasil, é como comida sem sal. São os “canarinhos” que dão cor, vida, entusiasmo e bons pormenores técnicos. Enfim, são eles que dentro e fora dos relvados, marcam as diferenças pela positiva. É claro que os finalistas serão 24, mas não podem ganhar todos. Só dois irão à final. Assim sendo e à medida que as equipas forem ficando pelo caminho, irão aportar às estâncias de turismo, às praias, às reservas de caça e à boa culinária, para ajudar a estabilizar os corações que haviam atingido

o máximo, no que diz respeito à adrenalina. Portugal e Brasil, pelas seculares ligações, pela língua comum e muito mais, terão certamente muitos dos excursionistas a reservarem alguns dias para Moçambique, quer cheguem à final ou não. Mas outros certamente não perderão a oportunidade de nos eleger. São eles: Espanha, Argentina, Inglaterra, EUA, França e Rússia. Mas tudo depende da “redondinha”. Seria bom que entre os seus caprichos, ela nos brindasse com a qualificação de selecções que representam países com afinidades connosco. @



Academia Mário Esteves Coluna



Campo do Maxaquene

dos 100, 200 e 400 metros rasos, o sul-africano Oscar Pistorius, está internado num hospital de Johannesburgo em estado grave depois de ter sofrido um acidente de barco, anunciou a imprensa local. O atleta, chamado de “Blade Runner” por ter próteses ortopédicas nas duas pernas, foi submetido a uma cirurgia e permanece na unidade de tratamento intensivo do hospital, segundo as mesmas fontes.

Liga Portuguesa:

O FC Porto, que bateu o Paços de Ferreira, por 2 a 0, na sexta-feira, lidera o Campeonato Português de Futebol cada vez mais isolado agora com 41 pontos, mais quatro que Benfica e Sporting de Portugal, apesar de o Sporting ter saído vencedor no derby da capital portuguesa.

20ª Jornada				
P. Ferreira	-	x	-	Rio Ave
Trofense	-	x	-	E. Amadora
Sp. Braga	-	x	-	Guimarães
Nacional	-	x	-	Académica
Benfica	-	x	-	Leixões
F.C. Porto	-	x	-	Sporting
Marítimo	-	x	-	V. Setúbal
Belenenses	-	x	-	Naval

Classificação				
F.C. Porto	19	12	5	2 41
Sporting	19	11	4	4 37
Benfica	19	10	7	2 37
Leixões	19	9	8	2 35
Sp. Braga	19	9	5	5 32
Nacional	19	9	5	5 32
Marítimo	19	8	5	6 29
Guimarães	19	6	6	7 24
E. Amadora	19	6	6	7 24
Académica	19	5	6	8 21
Naval	19	5	5	9 20
Trofense	19	4	5	10 17
Belenenses	19	3	7	9 16
Rio Ave	19	4	4	11 16
P. Ferreira	19	4	4	11 16
V. setúbal	19	4	4	11 16

Liga Espanhola:

O líder FC Barcelona perdeu, por 2 a 1, contra o modesto Espanyol (18º), no estádio Camp Nou, enquanto o segundo classificado, o Real Madrid, goleou o Betis (15º) por 6 a 1, nos jogos da 24ª jornada do Campeonato Espanhol. Nas outras partidas disputadas, Villarreal (4º) derrotou, por 2-1, o Sporting de Gijón (14º), e Sevilla (3º) bateu o Atlético de Madrid (6º), por 1-0. O Málaga, equipa revelação da Liga Espanhola, chegou à quinta posição ao vencer o Valladolid, por 3 a 1. No jogo de encerramento da jornada, Valencia e La Coruña empataram a uma bola.

25ª Jornada				
At. Madrid	-	x	-	Barcelona
Valência	-	x	-	Valladolid
At. Bilbao	-	x	-	Sevilha
Bétis	-	x	-	Villarreal
Racing	-	x	-	Osasuna
Málaga	-	x	-	Recreativo
Almería	-	x	-	Getafe
Numancia	-	x	-	Deportivo
Sporting	-	x	-	Maiorca
Espanhol	-	x	-	R. Madrid

Classificação				
Barcelona	21	19	3	2 60
R. Madrid	24	17	2	5 53
Sevilla	23	13	5	5 44
Villarreal	24	11	8	5 41
Valência	24	11	6	7 39
Málaga	24	11	6	7 39
At. Madrid	24	10	6	8 36
Deportivo	24	10	6	8 36
At. Bilbao	24	8	7	9 31
Valladolid	24	9	3	12 30
Racing	24	7	8	9 29
Getafe	24	6	10	8 28
Almería	24	7	7	10 28
Bétis	24	7	5	12 26
Recreativo	24	6	8	10 26
Osasuna	24	5	9	10 24
Maiorca	24	6	6	12 24
Sporting	23	8	0	15 24
Espahol	24	4	9	11 21
Numancia	24	6	2	16 20

ZICO, O “Galinho do Quintinho”

Conta-se que quando garoto foi treinar pela primeira vez ao Flamengo. O ex-jogador Modesto Bria, treinador das camadas jovens do clube da Gávea, franziu os olhos quando viu, junto ao campo, um miúdo de 14 anos mas que parecia ter só 12, tão magrinho, quase raquítico, com 1,45 metros de altura, dentes tortos e ombros caídos, pedindo para jogar entre os bem nutridos e grandões miúdos de Bria.

Texto: AFP
Foto: Lusa

Só entraria a dez minutos do fim do treino de captação, quando o treinador já mal olhava para o campo. Foi então que aquele monte de ossos, tocou na bola pela primeira vez e logo ai a colocou por entre as pernas do seu marcador, um negrinho forte, deixando-o caído no chão. Em seguida, inventou mais alguns lances de igual nível e Bria abriu os olhos de espanto. Com era possível? Nesse preciso instante nascia o melhor jogador brasileiro dos anos ’80, Artur Antunes Coimbra, o Zico.

Coube ao preparador físico José Roberto Francalacci, a dura tarefa de fortalecer os seus músculos. Foi submetido a uma dieta especial, enfrentou duros treinos de resistência física, tratou dos dentes, ganhou peso, aos 17 anos já tinha 59 quilos e media 1,72 m, ergueu os ombros e fez-se craque de corpo inteiro. A 21 de Julho de 1971, fazia a sua estreia na primeira equipa do Flamengo, entrando no lugar do seu grande ídolo, Dovai. “É mentira que para jogar futebol se tenha de ter nasci-

do um atleta”. O treinador que o lançaria na selecção seria Osvaldo Brandão, no Uruguai. Desde que Pelé abandonara o futebol o Brasil carpia a mágoa de ainda não ter descoberto um génio igual, capaz de lhe continuar a garantir as mesmas conquistas. No final dos anos ’70, uma nova estrela emergia na relva da Gávea: Zico, o

Galinho de Quintinho, o bairro onde nascera. No momento da sua explosiva aparição muitos não tiveram dúvidas em chamá-lo de Pelé branco. Durante o Mundial ’78, ele foi o principal motivo de constestação às opções de Coutinho que já conhecia Zico pelo facto de ser seu treinador no Flamengo. A nova grande estrela do futebol brasileiro



vinha arrastando uma série de problemas musculares mas, mesmo em condições, o seleccionador teórico hesitava muito em lhe entregar as chaves do meio campo. Zico era um poeta, um digno representante da dinastia do futebol-arte. O seu futebol era de cristal. Os seus golos eram tão bonitos que até os cegos lhe pediam: “Zico, por favor, conte-me esse golo!”. Sempre com o nº10 nas costas, Zico tornou-se o grande amor dos adeptos do Flamengo, pelo qual se sagrou campeão brasileiro em ’89, ’82, ’83 e ’87. Tratava a bola como uma amiga e marcava livres de rara beleza: “A verdade é que eu estava aprendendo sempre. No início já rematava bem, mas só para um dos postes, o da direita do guarda-redes. Depois, treinei muito e aprendi a dar à bola o efeito contrário e metê-la no poste direito, o lado esquerdo do guarda-redes. Foi difícil. Estive um ano inteiro todos os dias no final dos treinos durante horas até que adquiri a perfeição”. Em toda a sua carreira Zico só perderia dois jogos dos que disputaria pela Selecção Brasileira mas nunca se sagrou campeão mundial. @

Depois de uma terça-feira de empates, a quarta-feira foi mais rica em golos

Oitavos de final 1ª mão

Atlético	2	x	2	F.C. Porto
Lyon	1	x	1	Barcelona
Arsenal	1	x	0	Roma
Inter	0	x	0	Man. United
R. Madrid	-	x	-	Liverpool
Chelsea	-	x	-	Juventus
Villarreal	-	x	-	Panathinaikos
Sporting	-	x	-	Bayern



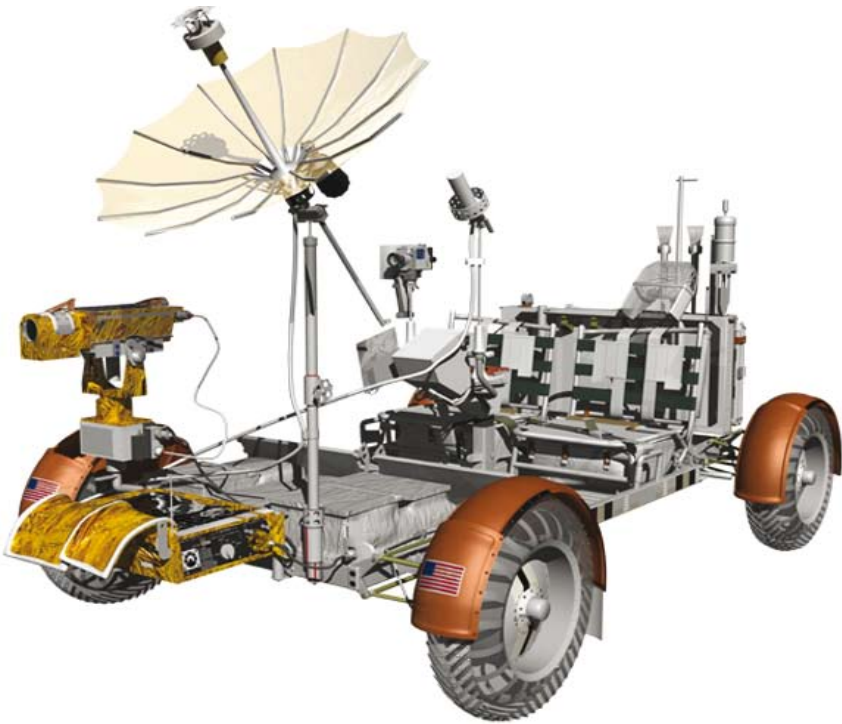
Bilhetes para o Mundial de Futebol aqui ao lado

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) vai disponibilizar mais de três milhões de bilhetes para as 64 partidas do próximo campeonato do Mundo, que se realiza em 2010, na África do Sul. O preço varia desde os US\$ 450 para o jogo de abertura, US\$ 160 para as fases de grupos, US\$ 200 para os oitavos-de-final, US\$ 300 para os quartos, US\$ 600 para as semifinais, US\$ 300 para a decisão do terceiro lugar e US\$ 900 para a final. As entradas mais baratas saem por US\$ 200 na abertura, US\$ 80 na fase de grupos, US\$ 100 nos oitavos, US\$ 150 nos quartos, US\$ 250 nas semifinais, US\$ 150 para a decisão do terceiro lugar e US\$ 400 para a grande decisão. A Fifa e o Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2010 criaram uma quarta categoria de preços, apenas para pessoas residentes na África do Sul, com a moeda local, o rand. Os interessados podem adquirir os bilhetes, no site da FIFA, candidatando-se através de uma subscrição. Todas as solicitações para jogos com demanda maior que a oferta participarão de um sorteio a ser realizado no dia 15 de abril, sem preferência para pedidos feitos mais cedo – a regra só será aplicada nas etapas seguintes de venda, de acordo com a disponibilidade. A segunda fase de vendas será de 4 de maio a 16 de novembro deste ano. Os cidadãos do país anfitrião poderão fazer sua inscrição através dos formulários de solicitação disponíveis nas filiais do FNB National Bank, um dos patrocinadores. As empresas patrocinadoras terão direito a 550 mil bilhetes, enquanto as operadoras de televisão que detêm os direitos recebem 66 mil bilhetes. Para as federações que não se qualificarem, a FIFA reserva 200 mil bilhetes. A primeira fase de venda termina a 15 de Abril, a segunda época vai de 4 de Maio a 16 de Novembro. @

de passageiros a nível das cidades do país vão ser concessionadas pelo Governo moçambicano, como forma de evitar o encurtamento de rotas, uma prática que prejudica os usuários destes serviços.

Lunar Rover, o automóvel espacial

O automóvel teve o seu papel na exploração da Lua e, ainda hoje, está abandonado “lá em cima” o veículo que a NASA baptizou de Lunar Rover (vagabundo lunar) e os americanos apelidaram de “Beach Buggy de seis milhões de dólares”



Às 2h 56m 15s (TMG) do dia 21 de Julho de 1969, Neil Armstrong, o comandante da Apollo 11, foi o primeiro homem a pisar o solo lunar. Foi o ponto de partida para a investigação do satélite da Terra. Outras missões se seguiram e com elas foi dilatado o tempo de permanência dos astronautas no planeta. Com mais tempo ao seu dispor, os astronautas podiam efectuar explorações mais longas, afastando-se do local da alunagem. Por isso, a NASA (National Aeronautics and Space Administration) projectou e desenvolveu o primeiro automóvel lunar. Nasceu, assim, o Lunar Rover que foi utilizado pelas três derradeiras missões Apollo: 15, 16 e 17, a última que levou o homem à superfície da Lua. O primeiro automóvel que o homem utilizou fora do planeta Terra, contava com tracção às quatro rodas. Tinha uma autonomia de 92 km, assegurada por duas baterias de zinco e prata com 36 volts. Na Terra, pesava 209 kg, mas, devido à diferença da força da gravidade, este peso na superfície lunar era de apenas 35 kg. Permitia deslocar dois astronautas a uma velocidade máxima anunciada de

14 km/h. Contudo, segundo é referido pelo Guinness Book of Records, esta velocidade chegou a ser ultrapassada, numa descida onde o Lunar Rover terá chegado aos 18 km/h, sendo-lhe creditado ainda o recorde da distância percorrida na Lua: 33,8 km.

Um problema

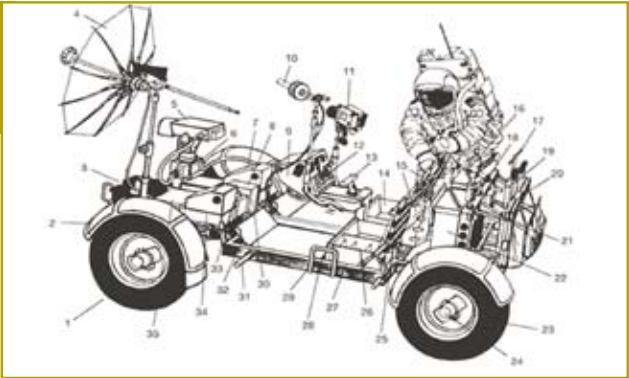
Durante as três missões Apollo em que foi utilizado, o Rover não apresentou o mínimo problema técnico, embora tenha criado algum embaraço à tripulação da Apollo 17. Durante essa missão, o guarda-lamas traseiro do lado esquerdo partiu-se, permitindo que o pneu, protegido por uma malha em aço, projectasse uma nuvem de poeira que envolveu os astronautas. Como a superfície lunar é coberta por uma camada de poeira muito fina, esta veio a impedir a visão dos astronautas que ou teriam de regressar a pé ao módulo lunar, ou solucionar o problema. Valeu nessa altura o expediente de Harrison Smith, que conseguiu colar os seus mapas lunares à parte restante do guarda-lamas, resolvendo o problema.

Harrison Smith e Eugene Cernan, os astronautas da Apollo 17 que bateram o recorde de permanência na Lua – 74h 54m –, não ganharam para o susto, mas a “bricolage” de Harrison Smith permitiu que o Lunar Rover tenha ajudado a transportar os 114,8 kg de rochas e terra lunar que a missão recolheu durante a (até aqui) última passagem do homem pelo satélite da Terra. O Lunar Rover foi abandonado na superfície lunar, mas, para o recordar, Harrison Smith trouxe de volta à Terra a metade do guarda-lamas partido, fragmento que se encontra no Museu da Nasa. @

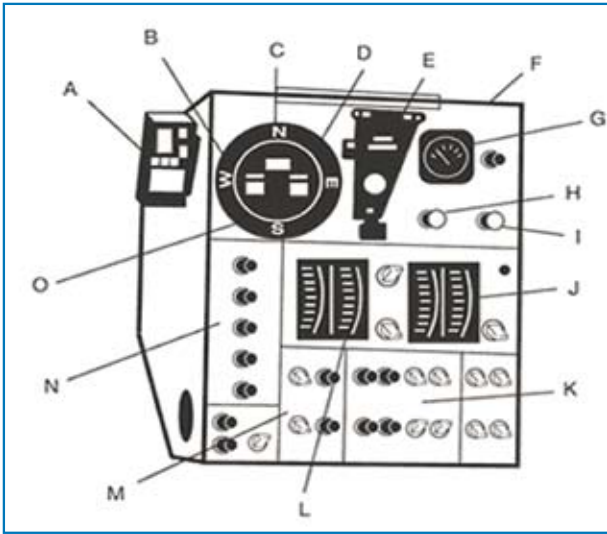


Lunar Rover

Peso - 209 kg na Terra, 35 kg na Lua
Comprimento - 310 cm
Largura ao centro da roda - 183 cm
Largura ao nível do solo - 230 cm
Altura ao solo - 35,5 cm
Raio de viragem - 305 cm
Velocidade máxima - 14 km/h
Alimentação - 2 baterias de zinco e prata
Autonomia - 92 km
Tracção - Às quatro rodas



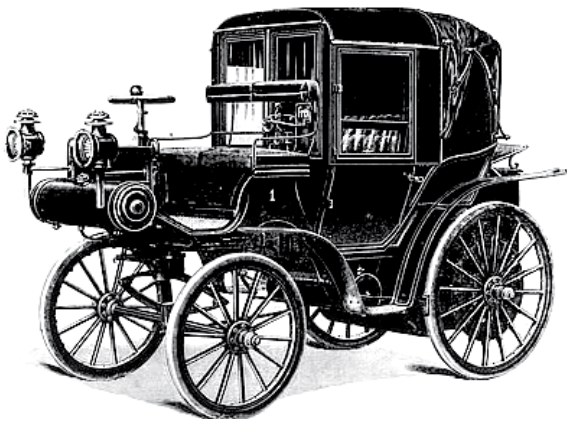
1 - Pneu coberto de malha de aço	19 - Tenazes
2 - Guarda-lamas em fibra de vidro	20 - Porta-ferramentas
3 - Módulo de comunicação rádio	21 - Perfurador
4 - Antena de televisão	22 - Contentores
5 - Câmara de televisão	23 - Protecções em titânio
6 - Unidade de controlo de televisão	24 - Cubo de roda amovível
7 - Unidade de comando giroscópica	25 - Banco
8 - Cacifo para lentes de 500 mm	26 - Porta-filmes
9 - Comandos e instrumentos de condução	27 - Contentor de bagagem
10 - Microfone e módulo de telemetria	28 - Escova de limpeza
11 - Câmara de filmar de 16 mm	29 - Pega de apoio
12 - Painel de comando	30 - Unidade motriz
13 - Comando de direcção tipo joy-stick	31 - Estribo
14 - Reflector laser	32 - Apoio dos pés
15 - Mantimentos	33 - Processador de telemetria
16 - Porta-bagagens para recolha de amostras	34 - Controlo térmico
17 - Porta-utensílios	35 - Bateria de 36 volts
18 - Ancinho	



A - Indicador de altitude	I - Comando de “reset”
B - Contador de distância	J - Temperatura do motor e baterias
C - Comando da direcção	K - Comandos do motor
D - Distância ao Módulo Lunar	L - Voltímetro
E - Bússola solar	M - Comando da assistência da direcção
F - Indicador de alarme	N - Comando de funcionamento
G - Velocímetro	O - Indicador de posição
H - Giroscópio	

O primeiro táxi surgiu em 1896

Dez anos depois da patente do primeiro automóvel, registada por Gottlieb Daimler, em 29 de Janeiro de 1886, surgiu em Estugarda (Alemanha) o primeiro táxi animado por motor.



Ao longo da primeira década da história do automóvel, o motor monocilindrico de 1.1 hp do modelo de Gottlieb Daimler evoluiu de um para dois cilindros, e a sua potência chegou aos 8 hp, sendo capaz de atingir os 24 km/h. No dia 28 de Junho de 1896 (há 110 anos), Friedrich August Greiner, um industrial de táxis/carruagens puxados por cavalos de Estugarda, encomendou uma carruagem Victoria equipada com motor, para operar como táxi.

O modelo, que incluía um taxímetro, foi entregue em Maio de 1897, tendo sido o primeiro veículo automóvel a funcionar como transporte público. O modelo, com pneus de borracha, podia ser equipado com uma capota de lona e, nos dias mais frios, os lugares traseiros podiam ser aquecidos, enquanto que, no Verão, a capota e os vidros eram removidos. O primeiro táxi motorizado cumpria diariamente 70 km nas suas voltas pela cidade, muito mais

do que uma carruagem puxada por cavalos podia fazer. É certo que no início, os clientes de August Greiner tiveram algum receio da “velocidade estonteante”, mas a aventura era grande e o operador de táxis teve grandes lucros. Até 1899, encomendou sete unidades deste veículo que recordamos como o antepassado dos táxis, em geral, e muito em particular dos Mercedes que hoje estão associados, em grande parte do mundo, a este serviço de transporte. @

Depósito 18% BCI.



O único depósito a prazo que lhe garante uma remuneração de 18% em 20 meses e o protege contra eventuais descidas no mercado. Uma aplicação 100% segura, com 0% de risco e 18% de rendimento. Adira até 4 de Abril.

O seu Banco dedica-se 118% a si.



fabricado pela sul-coreana Samsung Electronics, é o primeiro telemóvel do mundo equipado com um painel solar para recarga de bateria. Terá uma bateria que se carrega a partir de um painel solar incorporado na parte traseira do próprio aparelho, que gera energia suficiente para fazer ligações.

Porque estava Einstein errado



Há físicos que colocam em causa o estatuto privilegiado que o grande sábio alemão atribuiu à luz na sua teoria da relatividade restrita.

Texto: **Excertos Revista New Scientist**
Foto: **Istockphoto**

Imagine que vai de bicicleta, a pedalar através do cosmos. Um feixe de luz talvez emitido por uma estrela cadente longínqua passa por si, num zigzag. A que velocidade estão você e a luz a aproximar-se um do outro? Você desloca-se a uma velocidade quase nula e, por isso, a resposta deve ser mais ou menos exactamente a velocidade da luz através do vazio interestelar: cerca de 300 milhões de metros por segundo. Agora, imagine que decide abandonar temporariamente o velocípede. Enquanto segue em frente na sua nave espacial, a metade da velocidade da luz, encontra pela frente outro impulso luminoso. Qual é, agora, a velocidade de aproximação? De certeza que será a sua velocidade mais a velocidade da luz: no total, uma vez e meia a velocidade da luz. Errado. A sua velocidade de aproximação será a velocidade da luz e não mais e isto é verdade, por mais depressa que você se desloque. Bem-vindo ao estranho mun-

do da relatividade especial de Albert Einstein, no qual as coisas encolhem à medida que se deslocam mais depressa e no qual o tempo fica tão distorcido que deixa de fazer sentido falarue acontecimentos simultâneos. Conforme demonstrou Einstein, tudo isto acontece devido ao facto de a luz se deslocar sempre à mesma velocidade, independentemente da nossa posição. A sério? Mitchell Feigenbaum, um físico da Universidade Rockefeller, em Nova Iorque, pede licença para discordar. Feigenbaum é o último e o mais destacado de um grupo de investigadores que defendem que, digam o que disserem a História e os manuais, a teoria de Einstein não tem nada que ver com luz. «Não só não é necessária como não há sequer lugar para ela na teoria», afirma. Num artigo publicado no servidor de apresentação preliminar arXiv e ainda não analisado pelos seus pares, Feigenbaum afirma que se o pai da relatividade, Galileu Galilei, tivesse sabido, no século XVII, um pouco mais de matemática moder-

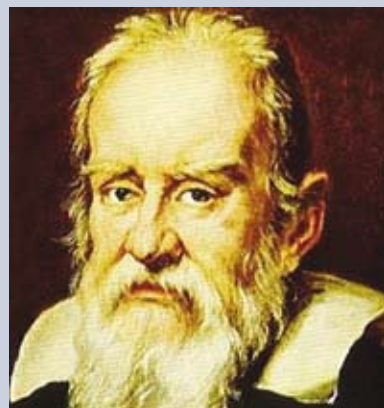
na, teria ido tão longe como Einstein (www.arxiv.org/abs/0806.1234). «o pensamento de Galileu tem quase 400 anos, mas ainda encerra uma força extraordinária», escreve. «É suficiente, só por si, para produzir a teoria da relatividade de Einstein, sem conhecimentos adicionais.» Esta afirmação põs outros físicos a pensar. Alguns dizem que, se levarmos a tese de Feigenbaum um pouco mais longe, há muito que poderíamos ter descoberto a via não apenas para a relatividade de Einstein mas também para a ideia de um universo em expansão ou mesmo de um universo cuja expansão está em aceleração, sem as confusões intelectuais que, hoje, nos levaram a essas conclusões. A discussão centra-se em duas hipóteses consideradas por Einstein ao formular a sua teoria da relatividade, em 1905. A primeira incontroversa: as leis da física devem parecer as mesmas a todas as pessoas que não se encontrem em movimento ou que se movem a um ritmo inalterável. Digamos que eu estou parado e você passa num comboio que se desloca a uma velocidade constante em linha recta. Para quem vai no comboio sou eu que pareço mover-me. Na verdade porém, não importa quem está «realmente a deslocar-se em relação a quem: embora as velocidades aprendidas dependam do nosso ponto de vista, as leis físicas que governam o movimento são sempre as mesmas.

Este é o princípio de relatividade apresentado por Galileu em «Diálogo sobre os dois grandes sistemas do mundo», a dissertação de 1632 que provocou a sua condenação pela igreja católica, por mencionar a ideia de Copérnico de que a Terra gira à volta do Sol. Galileu fala de um passageiro dentro de um navio que não consegue perceber se o navio se desloca ou está parado, «enquanto movimento for uniforme, sem flutuar nesta ou naquela direcção». A analogia destinava-se aos cépticos, que acreditavam que Terra não podia ter movimento, dado que não o sentiam. A relatividade de Galileu serviu durante quase 250 anos. Mas, quando deu forma à teoria da electricidade e do magnetismo, no final do século XIX, o físico escocês James Clerk Maxwell deparou com um problema. As equações de Maxwell deixam claro que a luz é uma onda que se desloca

a uma velocidade constante. Estranhamente, contudo, não referem o ponto de vista a partir do qual esta velocidade é medida. Isto seria um problema se a teoria de Maxwell, tal como todas as boas teorias físicas, seguisse a regra de Galileu e fosse aplicada por toda a gente. Se não soubermos quem mede a velocidade da luz naquelas equações, como poderemos modificá-las, para aplicá-las de outras perspectivas? Einstein contornava a questão dizendo que não é preciso fazê-lo. Perante o sucesso da teoria de Maxwell, limitou-se a acrescentar uma segunda hipótese à primeira hipótese de Galileu: em relação a qualquer observador, a luz desloca-se sempre à mesma velocidade. Este «segundo postulado» está na origem de toda a física excêntrica do espaço em contracção e dos relógios descontrolados de Einstein. E, com um pouco mais de aprofundamento, conduziu à relação entre massa e energia materializada na célebre equação $E=mc^2$. A disputa não é sobre a física, que inúmeras experiências confirmaram. É sobre se poderemos chegar às mesmas conclusões sem colocar a luz no seu pedestal altamente questionável. Começou com um problema simples. Você está parado a olhar para um amigo, Frank, que passa por si num comboio a 50 quilómetros à hora, em direcção a leste. Frank tem os olhos fixos em Kate, que vê recuar em relação a si a 50 quilómetros à hora, em direcção ao norte. Feigenbaum faz uma pergunta simples: como vê você o movimento de Kate?

O mais natural seria que a velocidade de Kate em relação a si fosse, em certo sentido, a soma da velocidade de Frank em relação a si e da velocidade de Kate em relação a Frank. O facto de Frank ver Kate simultaneamente recuar para norte e acompanhar a sua deslocação em direcção a leste implica que, do ponto de vista estacionário em que você está, a deslocação dela se faça em direcção a nordeste.

Agora, porém, troque as deslocações de Frank e de Kate. Frank desloca-se a 50 quilómetros à hora em direcção a norte, relativamente a si, e Kate a 50 quilómetros à hora, em direcção a leste, relativamente a Frank. Isto não vai afectar a deslocação de Kate em relação a si: você continuará a vê-la afastar-se em direcção a nordeste.

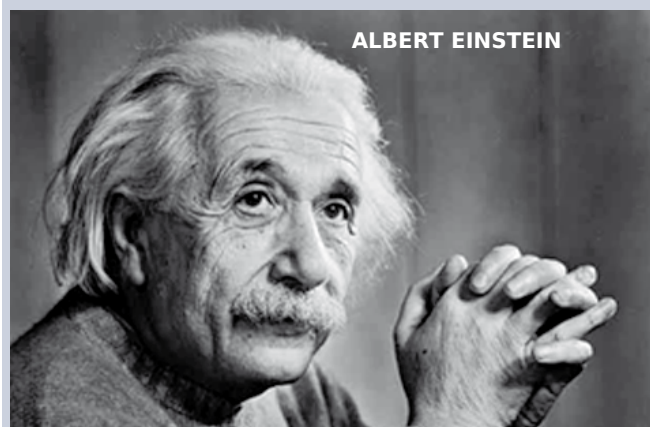


GALILEU GALILEI

O que escapou a Galileu e Einstein

Galileu certamente diria que sim. Só que, com a introdução por Einstein de um espaço, tempo que este julgava distorcido pela velocidade universal da luz, tornou-se claro que as regras para adicionar movimentos não eram assim tão simples. De facto, diz Feigenbaum, tanto Galileu como Einstein deixaram escapar uma subtilidade surpreendente da matemática, que torna supérfluo segundo postulado de Einstein.

Trata-se do seguinte: se o mundo de Frank estiver alinhado com os seus norte e leste e os de Frank apontarem na mesma direcção e se o mundo de Kate estiver correspondentemente alinhado com o de Frank, você poderá pensar que o mundo de Kate está alinhado com o seu. O problema é que, só por si, a lógica matemática não permite essa conclusão. Por estranho que possa parecer, ela permite, efectivamente, a possibilidade distinta de o mundo de Kate poder sofrer uma rotação relativamente ao seu, mesmo que esteja perfeitamente alinhado com o de Frank e o de Frank perfeitamente alinhado como seu. Isto significa que, apesar continuar a ver Kate afastar-se em direcção a nordeste, também poderá vê-la ligeiramente inclinada para a esquerda ou para a direita em relação à direcção do seu próprio movimento. A direcção da rotação e, portanto, o movimento de Kate, tal como é visto por si, dependerá de quais forem os movimentos relativos seus e de Frank e de Frank e Kate. A possibilidade da existência destas rotações tem consequências de longo alcance. Se as ignorarmos, a relatividade de Galileu salta à vista. Se as permitirmos, a álgebra funciona de modo muito diferente: o espaço-tempo distorcido da relatividade de Einstein manifesta-se, completado por uma velocidade máxima definida, mas não especificada, que a soma das velocidades individuais relativas não pode exceder. «Essas rotações são difíceis de compreender, mas são as raízes da física», diz Feigenbaum. A ideia de que a relatividade de Einstein nada tem que ver com a luz revela-se bastante útil. Por um lado, impede um choque terrível se, um dia, alguém vier a provar que os fotões, as partículas de luz, têm massa. Sabemos que a massa dos fotões é muito pequena: menos de 10-49 gramas. Um fotão com massa significaria que o entendimento que temos da electricidade e do magnetismo está errado e que a carga eléctrica pode não ser conservada. Isso já seria um problema grave, mas um fotão. @



ALBERT EINSTEIN

QUANDO A ALTITUDE SOBE A TEMPERATURA DESCE. NA LAM OS PREÇOS TAMBÉM DESCEM .

A LAM está sempre a subir e cada vez mais alto
no país numa altura em que aterriza o novo avião Q400.
Viaje dentro de Moçambique e pague menos:

Voôs a partir de Maputo	até Inhambane a partir de MT: 1400,00	até Vilanculos a partir de MT: 1400,00	até Beira a partir de MT: 2400,00	até Chimoio a partir de MT: 2400,00	
até Quelimane a partir de MT: 3400,00	até Tete a partir de MT: 3400,00	até Lichinga a partir de MT: 4400,00	até Pemba a partir de MT: 4400,00	até Nampula a partir de MT: 4400,00	
Voôs a partir da Beira					
até Tete a partir de MT: 2400,00	até Nampula a partir de MT: 2400,00	até Lichinga a partir de MT: 2400,00	até Pemba a partir de MT: 2400,00	até Quelimane a partir de MT: 2400,00	até Maputo a partir de MT: 2400,00
Voôs a partir de Nampula					
até Beira a partir de MT: 2400,00	até Pemba a partir de MT: 2400,00	até Lichinga a partir de MT: 2400,00	até Quelimane a partir de MT: 2400,00	até Maputo a partir de MT: 4400,00	

Termos e condições: Tarifas só de ida (one way).
Aplicável em todos os percursos no sentido inverso.
Sujeito a um número limitado de lugares. Taxa de combustível, e IVA incluídos na tarifa.



é o número apontado pela imprensa de possíveis pais do bebé da inglesa Chantelle Steadman, de 15 anos. A adolescente garante que Alfie Patten, um menino de 13 anos que já assumiu a paternidade, foi o único rapaz com quem teve sexo, mas outros rapazes já vieram dizer que era mentira.

Um pedaço de nós além-fronteiras

Saímos à rua para procurar saber, nas lojas que se especializaram na venda de capulas, os nomes e as preferências dos artigos que os turistas do sexo feminino mais adquirem. As respostas convergem, mas os nomes com que os lojistas baptizam as peças nem sempre são os mesmos.

Texto: Rui Lamarques
Foto: Arquivo

Fomos a três estabelecimentos: dois na baixa da cidade de Maputo e outro na zona limítima entre o bairro Central e o Alto-Maé. Desse modo, constatamos da boca de dois dos intervenientes que “xikhumba xa homo” (pele de boi) é uma capulana líder de vendas no que a turistas diz respeito. Todavia, “Josina” é o outro artigo que os turistas procuram. Soubemos, também, que existem dois nomes para a mesma capulana: enquanto uns dizem que o nome correcto é “Moçambique”, outros respondem dizendo que é “Paraísos de Moçambique”.

De referir que nas lojas que visitámos os animais também emprestam os nomes às capulanas, como são o caso da impala, do leão e da gazela. Segundo alguns turistas, as peças são adquiridas para presentear pessoas

queridas, levar um pouco de África para os seus países de origem, assim como

para produzir objectos de adorno e/ou roupas que recordam o calor africano.



ORIGEM DA CAPULANA

Num belo texto, Maria de Lurdes Torcato escreveu que a origem da capulana continua um enigma, mas que na África oriental falante de Swahili se diz que a maneira de vestir a capulana surgiu no século XIX “quando as mulheres começaram a comprar lenços (em Swahili diz-se lesa) de tecido de algodão estampado e colorido, trazido pelos mercadores portugueses do Oriente para Mombaça”.

“Ora, sejam quais forem as suas modalidades modernas, a capulana mais não é, em meu entender, do que uma descendente do antigo bertangil (ou bertangim), tecido de algodão vermelho e azul fabricado na Índia (Surate, Cambaia, Diu e Damão), que serviu, até, como moeda. O protótipo da capulana é anterior ao século XIX e creio que começa a afirmar-se na segunda metade do século XVIII”.

Não se pode contar a história da capulana sem se falar de uma técnica em particular de estampagem, por intermédio da qual nasceu o tipo de tecido que mais facilmente identificamos como africano. É a técnica indonésia do batik.

Outra história reza que a capulana (ou kanga, ou pano, ou pagne) nasceu no Quênia em meados do século XIX. As versões variam nalguns pormenores, mas todas apresentam os portugueses como comerciantes de lenços estampados provenientes da Índia, muito apreciados na região. Aliás, mesmo consultada de raspão, percebe-se da bibliografia sobre as relações comerciais no Índico que pelo menos desde o século XVII os tecidos indianos eram importante moeda de troca e fonte de receitas no comércio com a costa oriental africana.

Barbie chega aos 50 anos em crise

Acusada de deformar a imagem da mulher entre as meninas e favorecer a anorexia, ameaçada pela concorrência e pela queda brutal das suas vendas, a boneca Barbie chega aos 50 anos no meio de muitas dificuldades.

Texto: AFP
Foto: Google.com

Nascida como Barbara Millicent Robert em 9 de Março de 1959, em Willows, em Wisconsin (norte), a boneca-manequim de 29 centímetros de altura, pernas longas e seios salientes para parecer natural, bateu todos os recordes depois de ter causado polémica numa Feira de brinquedos naquele ano em Nova Iorque. Com 300.000 exemplares em 1959, este brinquedo - hoje o mais vendido no mundo, segundo as pesquisas de mercado -, inspirou mais de 70 estilistas, entre eles os mais famosos. O seu fã-club tem 18 milhões de membros, ela aparece no Facebook e no MySpace, além de ter revolucionado o

mundo das crianças e também dos pais que tentaram, em vão, resistir a ela.

Muitas mulheres sonharam ter uma Barbie até a idade adulta e muitas mães de família orgulham-se da sua colecção.

O fabricante de brinquedos Mattel, pai da Barbie, acaba de assinar um contrato com a Associação dos Estilistas americanos. A sua presidente, Diane von Furstenberg, vê na Barbie uma mulher independente e confiante, dotada de uma enorme capacidade para se divertir sem perder a elegância.

A editora Assouline está a publicar uma obra chamada “Barbie”, que será vendida a 500 dólares e mostrará a boneca loira de Prada, Karl Lagerfeld e Ale-

xander McQueen.

Para as suas 108 profissões, a Barbie teve todas as roupas e acessórios combináveis, 1 bilião de roupas segundo o seu site oficial, principalmente um uniforme aprovado pelo Pentágono para o seu alistamento no exército americano em 1989.

Depois dos seus “looks” à la Grace Kelly dos anos 1960, ela vestiu de Woodstock nos anos 1970, tornou-se mulher de negócios nos anos 1980 e chegou à Casa Branca em 1992. Em seguida, chocando o público, ela rompeu o relacionamento com o seu noivo Ken, em 2004.

Mas, além de sua vida de casal, a própria Barbie está em perigo. As suas vendas caíram em 2008, pelo sétimo ano consecutivo, depois do surgimento da sua

concorrente Bratz, uma boneca que mostra o umbigo, o que a Barbie só passou a ter em 2000.

A Mattel considera ter os direitos deste produto, criado por um antigo funcionário e lançado em 2001 pela MGA Entertainment. Os processos, ora dão vitória a um, ora dão vitória a outro. E, para piorar ainda mais a situação, Barbie e o seu fabricante terão de enfrentar o lançamento iminente de “Toy Monster: The Big, Bad World of Mattel” (“O monstro dos brinquedos: o grande e malvado mundo da Mattel”, numa tradução livre). O autor deste livro, Jerry Openheimer, revela, entre outras coisas, a vida sexual de Jack Ryan, o engenheiro que criou a Barbie e o Ken. @



@Plateia

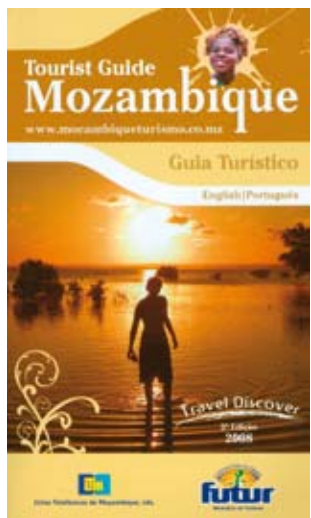
Suplemento Cultural

Dicas para melhor conhecer o nosso Moçambique

Texto: João Vaz de Almada
www.verdade.co.mz

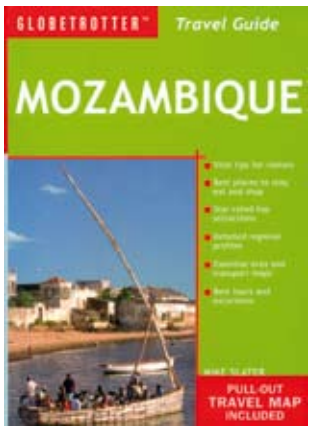
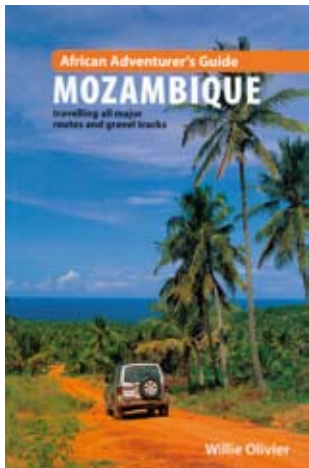
Nesta página @ VERDADE deixa, aos turistas nacionais e estrangeiros, algumas sugestões de livros sobre Moçambique, ligados ao turismo, dados à estampa nos últimos anos. São obras que vão desde o guia turístico puro, passando pelo estilo de novela, até livros artísticos que encontram na fotografia uma arte sublime de representação de um país. Eis aqui algumas dicas.

Mozambique Guia Turístico - Da responsabilidade do Futur (Fundo Nacional do Turismo), vai na quinta edição e, diga-se, que está bem mais completa que as anteriores. A edição é bilingue (Português/Inglês), mas o grafismo - demasiado antiquado - a impressão e a fotografia continuam a não ajudar a uma informação que está bem mais completa.



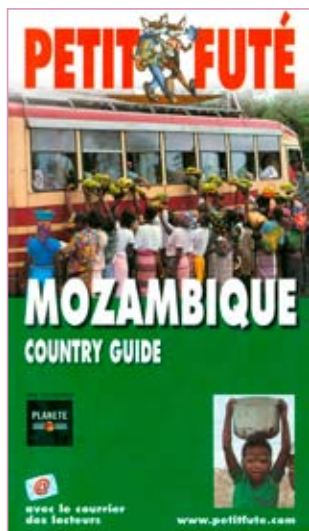
Maputo desenrascar a vida - A obra retrata sobretudo os anos 80' em Maputo, que alguém chamou os anos de chumbo. Com fotos a preto e branco sobre as dificuldades de quando “não havia nada” na cidade e as pessoas sofriam em busca do sustento quotidiano. Prefácio de Nelson Saúte e os grandes nomes da fotografia moçambicana estão presentes: Rangel, Kok Nam, José Cabral, Gin Angri, Naíta Ussene.

Mozambique African Adventurer's Guide - É feito a pensar no turismo de aventura, todo-o-terreno. Informação completa e cuidada, sobretudo a nível de itinerários e de locais de pernoita. As distâncias em quilómetros estão bem medidas. Fotografia completamente inexistente. Na lapela da contracapa destaca-se um lista de expressões úteis em português. Cumpre os objectivos a que se propõe.



Globetrotter Mozambique Travel Guide - Ao contrário de outros, vale sobretudo pela fotografia. Esta é bem cuidada e bem mais exigente do que é comum encontrar nos guias deste tipo. Já da informação contida no interior não se pode dizer o mesmo. É demasiado geral para servir o turista. Não cumpre os requisitos daquilo que é um guia prático, já que tem de ser completado por outro.

Petit Futé - Mozambique country guide - É uma colecção sobejamente conhecida de guias de viagem em língua francesa, talvez a mais conhecida. É um típico guia para viajantes: muito informação (arrisco a dizer que é o mais completo sobre Moçambique), praticamente sem fotografias, bem estruturado, dando destaque à história do país, à cultura e tradições, à economia, etc. A necessitar de uma edição actualizada.



O tempo volta para trás no Khuwana

Texto: Alexandre Chaúque
Foto: Arquivo

Diogo Amaral, Sérgio Canaveira e Abílio Mapapá, serão os culpados de toda esta história. Decidiram juntar amigos em casa de um deles e ouvir música de outros tempos e conversar. Dois meses depois de terem tomado essa iniciativa, a casa de um desses amigos ficou pequena, porque a avalanche começava a ficar torrencial. Todos queriam rememorar - numa sociedade com tendência a ficar desmemoriada - aqueles tempos: ouvir o que se tocava sobretudo na década de '60.

Mas se a casa particular desses que começavam a construir uma bandeira feita de retalhos sagrados se ia tornando pequena, então era necessário encontrar um lugar mais amplo, onde todos pudessem estar à vontade. Até porque o que se estava a construir - veio a notar-se mais tarde - era um movimento de figuras que queriam - querem - voltar a sonhar.

Um deles tinha um espaço - pelos vistos - que já desempenhou um papel preponderante nos princípios da década de '90, até princípios de 2000, quando a chuva veio e destruiu as vias de acesso que nos levavam até lá: estamos a falar do Khuwana, no bairro do Xipamanine, para onde Marcelino dos Santos ia sempre relaxar, em noites de grande memória. Aliás, falar do Khuwana, é lembrar que os Kassav já foram para ali tocar, a Thsala Mwana também (Gaby Moy não encontrou acolhimento por causa da programação) e os grandes nomes moçambicanos desse tempo.

Hoje o Khuwana - espaço aberto por Rogério Amaral, irmão de Diogo Amaral - como que a querer lembrar esses tempos e valorizar a história, acolhe, desde o ano passado, os encontros destes madalas que querem voltar a sonhar.

Ainda é algo que está a começar, segundo o porta-voz do grupo, Abílio Mapapá. “Pretendemos juntar e dar espaço aos músicos que faziam música urbana naquele tempo. Não é nostalgia, mas é a recordação e valorização de um tempo”.

Naquele tempo, a cidade de Maputo tinha bandas como Monstros, Deltas, Geysers, Vénus, Ibéricos. São grupos que sofreram muitas mudanças em termos de composição, pois os seus elementos eram - sempre que chegasse a hora - chamados a cumprir o serviço militar obrigatório do tempo colonial. Muitos deles já morreram, casos de João Paulo, Tó Manjate, Abeatar, João Pais, Meque Santana, Domingos, Miguel, Abdul Tremendão, Gil Guimarães, Baltazar, Cowboy, Zezinho, Zeca Carvalho e Totozinho.

[continua pag. 29](#) →

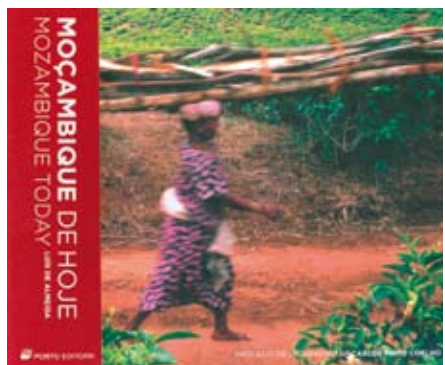
Óscares consagram o filme “Quem quer ser um milionário?”

Com oito estatuetas, incluindo “melhor filme” e “melhor realizador” para o britânico Danny Boyle, “Quem quer ser um milionário?” obteve a consagração definitiva no Óscar, numa noite marcada por muita emoção pela premiação póstuma de Heath Ledger como actor secundário e por algumas inovações na cerimónia, apresentada pela primeira vez pelo australiano Hugh Jackman.

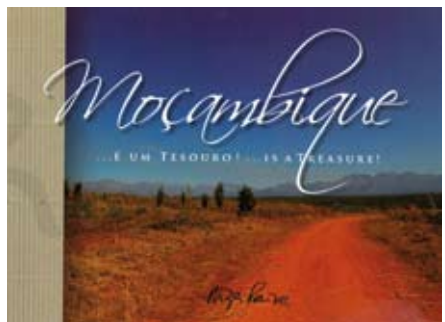
Numa cerimónia menos sisuda do que as anteriores, com os vencedores a serem anunciados em blocos e a presença de antigos vencedores nas categorias de [continua pag. 28](#) →



O Pão Nosso de Cada Noite - Foge à actualidade - as fotografias remontam aos anos '60 e '70-mas é excelente. A obra 'fala' dos cliques nocturnos de Rangel quando a Rua do Bagamoio se chamava Rua Araújo e fervilhava de gente entre embarcações, marujos e senhoras da má vida. Tudo a preto e branco, as cores neutras da noite. Um assombro. O título deve-se ao poeta José Craveirinha.



Moçambique de Hoje - O autor, Luís de Almeida, nasceu no Porto, Portugal, é professor na área da expressão artística e há muito que se apaixonou por Moçambique. “As imagens que recolhi, ano após ano, são a essência desta obra”, refere o autor. No prefácio Carlos Pinto Coelho escreveu: “Este livro não é aconselhável a menores de sensibilidade e a turistas contra-relógio. Porque este livro, não sendo um poema, carrega momentos explosivos como um verso de Craveirinha.”



Moçambique é um tesouro - É a mais recente obra de conceituada fotógrafa zambesiana Niza Paiva. É, para mim, a mais completa e mais bem conseguida desta autora em todos os aspectos: técnico, gráfico e de impressão. Está lá tudo: história, gentes, culturas, tradições, arquitectura, fauna (terrestre e aquática) e flora. As legendas, de Calane da Silva, estão à altura. O formato, ao baixo, requer presença na mesa central da sala.

ESTA PÁGINA É OFERECIDA POR:

Importadores e Distribuidores de Papel

Av. de Angola,2732 - Tel. +258 21 467 121 - Fax +258 21 467 117 - Email: skipco@tdm.co.mz

A verdade esta no Papel
SKIPCO
LIMITADA

continuação → Óscares consagram o filme “Quem quer ser um milionário?”



interpretação para reverenciar os agraciados de 2009, “Slumdog Millionaire” (no original), que já triunfara no Globo de Ouro, na premiação do SAG (sindicato dos actores) e no Bafta inglês saiu aclamado do Teatro Kodak pela indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Além das categorias “filme” e “realizador”, a longa-metragem também facturou as estatuetas de roteiro adaptado, fotografia, montagem, mixagem de som, trilha sonora e música original, com oito vitórias em 10 indicações. “Slumdog”, um filme de orçamento modesto, sem estrelas e que quase não teve distribuição nas salas de cinema, completou, assim, o conto de fadas de Hollywood. A longa-metragem, rodada nas favelas de Mumbai e com praticamente todo o elenco indiano, assim como boa parte da equipa técnica, conta a história de um jovem que, contra todos os prognósticos, avança em um reality show de perguntas com o objectivo de reencontrar o grande amor da sua vida. Além de Boyle, outro destaque entre os vencedores foi o compositor indiano A.R. Rahman, premiado com duas estatuetas, nas categorias de trilha sonora e música original. Nas categorias de interpretação, quatro filmes facturaram estatuetas. Sean Penn levou o Óscar de “melhor actor” pelo seu papel no filme “Milk - A Voz da Igualdade”, no qual interpreta Harvey Milk, o primeiro gay a ser eleito para um cargo político nos Estados Unidos. O filme também ganhou a estatueta de “roteiro original”. Este foi o segundo Óscar da carreira de Penn, que já ha-

via sido premiado por “Sobre Meninos e Lobos”, em 2004. Ele concorria com Richard Jenkins (“The Visitor”), Frank Langella (“Frost/Nixon”), Brad Pitt (“O Curioso Caso de Benjamin Button”) e Mickey Rourke (“O Lutador”). No discurso de agradecimento, Penn defendeu o direito de casamento dos homossexuais, mencionou o presidente Barack Obama e elogiou Rourke, que voltou ao primeiro escalão depois de vários anos de ostracismo. Entre as mulheres, na sua sexta indicação, a britânica Kate Winslet conseguiu vencer o primeiro Óscar de actriz. Ela foi premiada pela sua interpretação de ex-oficial nazi em “O Leitor”. Winslet, 33 anos, interpreta no filme uma ex-guarda de um campo de concentração que tem um relacionamento com um adolescente na Alemanha do pós-guerra. Anos depois, é levada a julgamento pelo seu papel na II Guerra Mundial. Ela superou na categoria as actrizes Anne Hathaway (“O Casamento de Rachel”), Angelina Jolie (“A Troca”), Melissa Leo (“Rio Congelado”) e Meryl Streep (“Dúvida”), esta na sua 15ª indicação. A categoria de actor secundário reservou a grande emoção da noite, com a já aguardada vitória do australiano Heath Ledger. O artista, morto em Janeiro de 2008, venceu o Óscar pelo seu papel marcante de Coringa em “Batman - O Cavaleiro das Trevas”. O prémio foi recebido pela família do actor, nomeadamente o pai, a mãe e a irmã. Ledger, que faleceu aos 28 anos, tornou-se apenas o segundo actor na história do

Óscar a receber uma estatueta a título póstumo, depois do compatriota Peter Finch, que venceu com o filme “Rede de Intrigas” em 1976. Ledger já vencera o Globo de Ouro, o SAG e o Bafta pela sua interpretação em “O Cavaleiro das Trevas”, a maior bilheteria do ano passado e a segunda maior da história do cinema, atrás apenas de “Titanic”. O filme também venceu na categoria “edição de som”. Entre as mulheres, Penelope Cruz tornou-se a primeira actriz espanhola a vencer um Óscar, ao receber a estatueta de actriz secundária pela sua performance na comédia “Vicky Cristina Barcelona”, do realizador Woody Allen. O filme com mais indicações do ano, “O Curioso Caso de Benjamin Button”, que concorria em 13 categorias, teve que se conformar com apenas três vitórias, todas em categorias técnicas. Outros destaques da noite foram as vitórias de “WALL-E” na categoria de “filme de animação”, no quarto Óscar

da Pixar desde a criação da categoria em 2002, e do japonês “Okuribito” (“Departures”), de Yojiro Takita, na categoria de “filme em língua estrangeira”, superando o grande favorito “Valsa com Bashir”, do israelita Ari Folman. Os outros filmes indicados eram “Der Baader Meinhof Komplex” (“The Baader Meinhof Complex”), da Alemanha, o francês “Entre les murs”, vencedor da Palma de Ouro no último Festival de Cannes, e “Revanche”, da Áustria. O prémio humanitário da noite foi entregue ao humorista Jerry Lewis. A 81ª edição do Óscar destacou os sucessos do ano passado, teve alguns números em homenagem aos musicais e apresentação de Hugh Jackman, num formato mais íntimo que sensibilizou os presentes em vários momentos, principalmente com a presença de antigos vencedores na apresentação dos indicados das categorias de “interpretação”. /AFP

LISTA DE PRÉMIOS

- Melhor Filme:** Quem quer ser um milionário?
Melhor Realizador: Danny Boyle - Quem quer ser um milionário?
Melhor Actor: Sean Penn - Milk - A Voz da Igualdade
Melhor Actriz: Kate Winslet - O Leitor
Melhor Actor Secundário: Heath Ledger - O Cavaleiro das Trevas
Melhor Actriz Secundária: Penélope Cruz - Vicky Cristina Barcelona
Roteiro Original: Milk - Dustin Lance Black
Roteiro Adaptado: Quem quer ser um milionário? - Simon Beaufoy
Melhor Filme de Animação: WALLoE
Melhor Filme de Língua Estrangeira: Okuribito - Departures (Japão)
Fotografia: Quem quer ser um milionário? - Anthony Dod Mantle
Montagem: Quem quer ser um milionário? - Chris Dickens
Direcção de Arte: O Curioso Caso de Benjamin Button - Donald Graham Burt, Victor J. Zolfo
Figurino: A Duquesa - Michael O'Connor
Maquilhagem: O Curioso Caso de Benjamin Button - Greg Cannom
Trilha Sonora: Quem quer ser um milionário? - A.R. Rahman
Música original: Quem quer ser um milionário? - A.R. Rahman, Gulzar (“Jai Ho”)
Mistura de Som: Quem quer ser um milionário? - Ian Tapp, Richard Pryke, Resul Pookutty
Edição de Som: O Cavaleiro das Trevas - Richard King
Efeitos Visuais: O Curioso Caso de Benjamin Button - Eric Barba, Edson Williams
Documentário: Man on Wire (“O Equilibrista”) - James Marsh, Simon Chinn
Documentário curta-metragem: Smile Pinki - Megan Mylan
Curta-metragem de animação: La Maison en Petits Cubes - Kunio Kato
Curta-metragem: Spielzeugland (Toyland) - Jochen Alexander Freydank

Pub.

Chama
A VERDADE EM CADA PALAVRA.

de Maio decorrerá a II Conferência Nacional sobre Cultura que irá congrega actores sociais, políticos, económicos, decisores e outros segmentos da sociedade para uma reflexão sobre a importância da cultura no desenvolvimento do país.

continuação → O tempo volta para trás no Khuwana

Também será - a constituição deste movimento - uma homenagem a essas figuras que abrilhantaram longas noites de Lourenço Marques, imitando sons desse tempo, que iam do jazz ao blues, ao rock and roll, passando pela marra-benta que se tocava com uma entrega sem limites. Jaimito Mahlathini faz parte desse tempo, e será sempre considerado um dos maiores guitarristas do nosso país. Segundo Abílio Mapapá, que nos levou a visitar o lugar onde se reunirão mensalmente estes músicos, “não temos quaisquer fins lucrativos, o que queremos é conviver todos os meses, com as nossas famílias e os nossos amigos”. Mas estes convívios não visam apenas ouvir música e conversar. Pretende-se criar uma espécie de workshops, onde se falará de vários temas que passam por esse tempo, histórias interessantes que poderão ser partilhadas por todos. Sérgio Canaveira é considerado o museu deste movimento. Pessoalmente estive em casa dele, levado por Abílio. A casa

de Canaveira é um verdadeiro “arsenal” de música desse tempo. Ele vai-nos colocar diante de uma enorme pilha de discos de vinil e de cassetes que nunca mais acabam. Tem um estúdio montado (que inclui materiais já ultrapassados pela tecnologia moderna, mas que servirão de lembranças), onde trabalha os seus temas, pois Canaveira é um músico desse tempo, revoltado com a Vidisco, que lhe recusou um projecto “porque disseram-me que a minha música não tem qualidade”. Mas Canaveira não pára de trabalhar, ele é o DJ deste movimento. De acordo com Sérgio Canaveira, a música não tem idade. “Estes madalas também precisam de espaço para exteriorizar as suas emoções e, se nós temos esta iniciativa, vamos para a frente. Quando começámos éramos poucos, mas o número vai aumentando. É importante, nota-se que desse tempo ficou a amizade”. Canaveira referiu ainda que muitos dos seus correligionários estão a morrer, então é necessário que se faça algo pe-



los que ainda estão vivos. “Nós nunca fomos ninguém. Esses músicos fizeram muito naquele tempo e nunca tiveram carinho, então, porque não, se nós temos esta possibilidade de dar o carinho que eles merecem?”. Outro aspecto referenciado por Sérgio Canaveira é o de que este espaço não está aberto apenas aos músicos, mas a todos os da velha guarda nas diversas áreas, nomeadamente jornalismo, literatura, teatro, desporto. Queremos dar carinho a todos eles”.

O lema destes encontros é: cada um traz o seu farnel, que inclui bebidas e vai juntar aos farnéis dos outros, para juntos conviverem. Há espaço para dança espontânea, conversa e reflexões. Portanto, amanhã, sábado, a partir das 14.00 horas, no Khuwana, no bairro do Xipamanine, realiza-se o quarto encontro deste movimento. Tudo leva a crer, por aquilo que se fala no seio deste grupo, que amanhã podemos ter algo maior.

Bitonga Blues



Alexandre Chauque
siabongafrimino@yahoo.com.br

Um taxista com AKP

- Leva-me a Boane.
- A esta hora?
- Qual é o problema!
- Bom, problema não há, mas o senhor já sabe!
- Pago a dobrar, não é isso?
Meteu a chave na ignição e eu estava sentado no banco da trás, cansado, depois do intenso banquete de jazz que acabava de ser servido no Waterfront, por personagens que não podiam ter nascido neste tempo ou, se nasceram neste tempo, então os espíritos que lhes guiam são desconhecidos. São duas horas de madrugada. Na cidade o néon impera no silêncio e, em algumas artérias por onde vamos passando, vêem-se mulheres de saias curtas reunidas em cachos e outras isoladas, outras ainda com garrafas de bebidas alcoólicas na mão, aparentemente embriagadas.
- O senhor é de Boane?
- Porquê?
- Ah, não é nada, perguntei por perguntar.
- Tem razão, perguntar não é pecado, mesmo a Deus podemos fazer perguntas, não é verdade, senhor taxista.
- É verdade, mas pode me tratar por Chico.
- Ok Chico, ok meu irmão, obrigado.
Estamos na zona da BIC e, na auto-estrada de Witbank estamos sozinhos. Não há faróis de automóveis. Não há pirilampos, nem naturais nem artificiais. O som do carro é imperceptível e eu começo a pressentir que algo de trágico pode acontecer connosco a qualquer momento. É de mau agouro você andar dois minutos num considerável percurso e não se cruzar com ninguém, sobretudo à noite. E nós estamos agora entre Matola-Rio e Belo Horizonte, onde a paisagem, à luz do dia, arrebatava.
- O senhor está a dormir?
- Não, porquê?
- Transportar alguém a dormir, dá azar, pode nos acontecer alguma desgraça.
- Quem te disse isso, Chico?
- Toda a gente sabe disso, como é que o senhor não sabe?
- Enquanto estiveres comigo não nos vai acontecer nada de mal, podes conduzir à vontade.
Daqui a dois minutos vamos transpor a passagem de nível sem guarda e entrarmos na vila de Boane, onde me espera a minha nova namorada, que acaba de atravessar o meu caminho sinuoso, onde vivo de morte em morte. São duas horas e meio da madrugada e estou extenuado, não me apetece absolutamente nada senão atirar-me à cama e não pensar.
- Conheces essa passagem de nível sem guarda aí à frente, Chico?
- Sim, senhor, venho muitas vezes para aqui.
- Ok.
O taxista frouxou, para prescrutar o movimento. Vimos, os dois, do lado direito para quem vai da cidade de Maputo, dois faróis luminosos por sobre a linha férrea. Era um carro que avançava agora para nos bloquear.
- Passe-me essa arma que está aí em baixo.
- Qual arma?
- Por baixo do meu assento.
Era uma AKP. Não cheguei a pegar na arma porque quando me curvei para o fazer, começou um tremendo tiroteio que me alvejou o corpo inteiro, matando-me de baixo de gritos de dor que na verdade não sentia.
- Meu amor, o que é que se passa?
- Estava a sonhar.

Namoro
A VERDADE EM CADA PALAVRA.

CINEMA

Cinema Xenon

Sexta à Quinta, 15h, 18h e 21h.

Blindness,

Drama/ Suspense: Adaptação do premiado livro do escritor português José Saramago, mostra uma inexplicável epidemia de cegueira branca que se alastra rapidamente. Todos os cegos são enviados para um hospital psiquiátrico abandonado... Realização de Fernando Meirelles, com actores: Julianne Moore, Mark Ruffalo, Alice Braga, Danny Glover, Gael García Bernal, Sandra Oh, Jorge Molina.

Mulheres,

Comédia / Drama: No circuito da moda e publicidade de Nova York, Mary Haines, uma designer de moda parece ter tudo - uma casa de campo, um rico marido, uma adorável filha e uma carreira criando desenhos para a venerável companhia de roupas de seu pai. Mas quando o marido de Mary tem um caso com a quente e bela Crystal Allen, o seu mundo desmorona.

HORÓSCOPO - Previsão de 27.02 a 06.03

CARNEIRO
Ficar quieta/o, no seu canto é realmente mais fácil do que cumprir compromissos sociais e conhecer novas pessoas, mas já é hora de deixar a timidez de lado e ir à luta. Amigos podem trazer-lhe grande alegria e novas oportunidades vão aparecer. É tempo de uma revisão de valores e aceitar que você pode ter mudado.

TOURO
Novas propostas e pessoas cruzam o seu caminho durante este período. Conte com a ajuda de pessoas próximas para tomar as decisões correctas e não se arrepender depois. Uma boa oportunidade para se aproximar ainda mais de seu parceiro/a, não deve ser desperdiçada, tente construir uma relação baseada na amizade e confiança.

LEÃO
As pessoas vão confiar em si principalmente pelo seu desejo de ajudar os outros. Quando o assunto for o coração, siga os seus instintos e acredite que vai dar certo. No final do mês, pense um pouco mais em si e coloque as suas necessidades e desejos em primeiro lugar.

VIRGEM
Este período é bom para conhecer novas pessoas e começar novos relacionamentos. Boas energias e alto astral fazem desta semana um período maravilhoso para aqueles que desejam apaixonar-se. Apesar de achar que está sozinho, existe alguém que você ainda não notou e que lhe tem ajudado bastante em momentos difíceis.

SAGITÁRIO
Esteja atento para conseguir completar os seus projectos e as metas que estabeleceu até agora. O convívio familiar irá trazer-lhe grande alegria. O bom humor estará presente no seu relacionamento, aproveite para tocar em questões delicadas que tem evitado há algum tempo.

CAPRICÓRNIO
A semana será de mudanças para si, mas o interessante é que elas vão acontecer tão espontaneamente que você pode não se dar em conta. Mantenha o ritmo confiante e tente não monopolizar o seu tempo com discussões e questões inúteis e que não o/a levarão a nada.

GÊMIOS
Os relacionamentos tomarão conta de seus pensamentos, durante este período. Os colegas de trabalho, relações amorosas, amigos e família tomam a maior parte do seu tempo e ocupam a sua mente. No amor, arrisque-se, caso você ache que vale realmente a pena. Mais vale você tentar do que ficar a perguntar sobre o que poderia ter sido.

CARANGUEJO
No momento em que a primeira coisa positiva lhe acontecer você irá deixar de lado os pensamentos destrutivos e esta mudança mental acabará por atrair mais coisas boas. Deixe de lado toda essa amargura que só o ciúme sabe causar e confie mais na pessoa que está a seu lado.

BALANÇA
A sua visão do mundo e dos seus projetos o/a ajudam a compreender as pessoas de uma maneira muito especial, mais distanciada e com olhos observadores. Apenas tome cuidado para não julgar tudo e todos. Você encontrará uma pessoa muito parecida consigo, com os mesmos gostos, manias e maneiras.

ESCORPIÃO
A situação estará sob seu controlo durante toda a semana, prestando atenção a cada detalhe dos seus projectos e planos. Isso fará com que se sinta muito melhor e mais confiante em relação ao que é capaz de fazer. Não se deixe desanimar por problemas que aparecem ao longo do seu relacionamento.

AQUÁRIO
A semana será para colher os resultados positivos dos projectos e realizações que vinha planando há algum tempo. O período é bom para rever velhos amigos e passar mais tempo com a família e amigos, eles irão dar-lhe conselhos preciosos. Não se apresse a conquistar o amor, pois ele vai chegar com calma.

PEIXES
A semana começa com o pé direito! Muita vontade de aprender, ler, ver e saber. Tome cuidado para não ir com muita sede ao pote e acabar tropeçando pelo caminho. O amor nem sempre acontece como nós esperamos, nem aparece nos lugares que procuramos. O período vai servir para aprender essa lição na prática.

20

novos manuais lançados recentemente pela Plural Editores vão beneficiar os estudantes da oitava classe, em Moçambique. No entanto, a grande novidade, para os estudantes mais carenciados, é a hipótese de poderem adquirir os livros através de um cheque-vale disponibilizado pela Socremo no âmbito do seu papel de responsabilidade social.

SINAL ABERTO

Sábado `as 23h15 - **Supertela: Call Girl** - Maria, uma «call girl» de luxo, é contratada por Mouros para seduzir Meireles, presidente da câmara de Vilanova, na tentativa que este autorize uma multinacional a construir um empreendimento turístico de alta qualidade. Entretanto, Madeira e Neves, polícias da PJ, descobrem os indícios de corrupção e começam a investigar Meireles. Tudo se torna ainda mais complexo quando Madeira descobre que Maria, a paixão da sua vida, é o isco que obrigará o político a ceder...- **TIM**

Domingo `as 13h45 - **Taça Sojogo** - Futebol Nacional e em dose dupla. Costa do Sol Vs Maxaquene e Ferroviário Maputo Vs Desportivo Maputo.-**TIM**

Quarta `as 18h (**ESTREIA**) - **Dance Dance Dance** - Num envolvente universo de dança e uma grande história de amor ,Dance Dance Dance é uma novela que aposta na beleza das imagens, na sedução dos ritmos e na força da música para conquistar o telespectador. Assim, a trajetória “heróica” de Sofia (Juliana Baroni), marcada pela luta sem trégua, a superação de obstáculos, e claro, a paixão sem limites, ganha com a dança um diferencial. - **TIM**

Exposição Venda

■ “O ladrão de sombras”

■ Centro Cultural Franco Moçambicano



O ladrão de sombras - é o título do recém-publicado livro ilustrado de Saidou Dicko. Nasceu no Burkina Faso e hoje ele vive e trabalha em Dacar, Senegal, onde começou a dedicar-se à fotografia. Há centenas de fotografias em que as sombras de homens, mulheres, crianças ou animais podem ser vistos. Saidou Dicko já participou em várias exposições em África e na Europa.

Carnaval

■ Rua das Dálías, no Bairro do Jardim

■ Sábado, 28 /02 às 19h



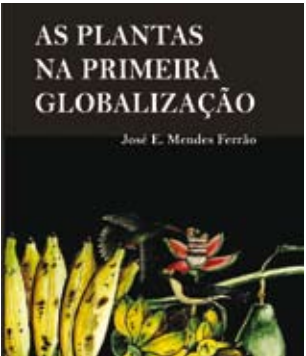
Mais uma vez, Ozias Langa leva o Carnaval à famosa Rua das Dálías e, neste momento, existe uma grande expectativa à volta desta grande festa de foliões que tradicionalmente acontece em Fevereiro. Vários grupos poderão tomar parte nesta iniciativa, ao ritmo do samba, marrabenta, dentre outros géneros musicais.

Exposição iconográfica

■ “As Plantas na Primeira Globalização”

■ Instituto Camões-Centro Cultural

José Mendes Ferrão, comissário científico desta exposição explica que “... a base temática da exposição foi mostrar a importância que as plantas tiveram em todo o movimento dos descobrimentos. Porque, normalmente, liga-se aos descobrimentos guerras e lutas e tudo o mais e, às vezes, liga-se menos ou passa-se em vão pelas plantas que tiveram uma importância enorme inclusivamente no desenvolvimento económico dos continentes, quer da Europa, quer dos outros.”. “As Plantas na Primeira Globalização”, que apresenta, em 18 painéis, a grande aventura das plantas e a sua importância alimentar e económica a partir do século XV, em consequência das viagens marítimas portuguesas, estará patente até 14 de Março.



Concertos

■ Gil Vicente Café-Bar

■ Sexta, Dia 27/02 às 22h30

RSA Haitrm & Word Sound & Power ao vivo no Gil Vicente Café-Bar, conta com convidados especiais vindos directamente do Brasil “O Colectivo Nyabingui”, que é uma Expressão Musical e Integração Brasil - África”. Este concerto propõem estabelecer uma integração entre os dois países, principalmente através do diálogo entre a musicalidade afro-descendente e as diversas formas de musicalidade africana, interconectadas através da prática do ritmo nyabinghi.



■ Auditório Municipal da Matola

■ Sábado, dia 28/02, às 18h

Thumba Sound, um grupo de Hip Hop Underground de intervenção Social criado no coração da Matola apresenta o espectáculo “Jovens Sem HIV/ SIDA” em parceria com o programa PEPFAR da Embaixada dos Estados Unidos. Convidados: Classe Neutra, Tira-Teimas, entre outros. Ajude uma criança órfão e vulnerável, leve qualquer coisa.

Relacção

A VERDADE EM CADA PALAVRA.

Pub.

novos manuais lançados recentemente pela Plural Editores vão beneficiar os estudantes da oitava classe, em Moçambique. No entanto, a grande novidade, para os estudantes mais carenciados, é a hipótese de poderem adquirir os livros através de um cheque-vale disponibilizado pela Socremo no âmbito do seu papel de responsabilidade social.

DESCUBRA AS DIFERENÇAS



Um fez poesia e, por atrevimento, uns pontapés na bola; o outro fez do futebol uma autêntica poesia e vergou o mundo com a sua arte de bem jogar. O princípio dos olhos na bola, como mandam os mestres, está a ser integralmente cumprido por ambos. O “bana estilo” é comum.

O resto? Descubra as diferenças e quem é quem:

Posição do corpo

Como mandam as regras Consoante o vento

Pés em relação à bola

Ao nível das grandes platéias Com receio de “estragar” a bola

Braços

Para dar equilíbrio ao corpo Em boa posição para fazer um penalty

Inclinação do corpo

Ângulo propício ao tiro de canhão Óptima para integrar a makwaela dos TPM

Velocidade do chuto

Aí vai “chumbo quente” Levem a bola, o vovô está cansado

SUDOKU

6				7	1		3	
	2		5					8
	9	8	2	6			4	1
						1		
1		4	3		5	5		7
		3						
2	1			3	4	7	8	
4					2		1	
	3		1	8				6

	8							
		7	4	1		9	5	6
	6	1	7	9	3			
2				4				1
1			8		9			2
4				2				9
			9	3	7	4	1	
8	4	3		6	2	7		
							2	

A TELEVISÃO INDEPENDENTE DE MOÇAMBIQUE
MUDOU PARA TE FAZER MAIS FELIZ
MUDA TU TAMBÉM



AUTENTICAMENTE DIFERENTE

Estamos a transmitir em:



Maputo



Sofala



Zambézia



Nampula



Cabo Delgado

Diamante

A VERDADE EM CADA PALAVRA.



Grátis às Sextas.